

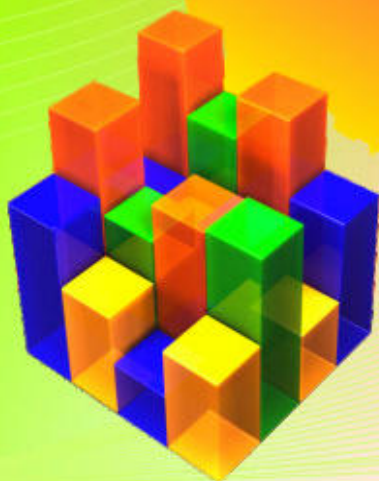


GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
*Secretaria do Planejamento
e Gestão*

IPECE Conjuntura

Boletim da Conjuntura Econômica Cearense

1º Trimestre de 2017



Fortaleza – Ceará
Junho de 2017

IPECE INSTITUTO
DE PESQUISA
E ESTRATÉGIA
ECONÔMICA
DO CEARÁ

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

Camilo Santana – Governador

Maria Izolda Cela de Arruda Coelho – Vice-Governadora

SECRETARIO DO PLANEJAMENTO E GESTÃO (SEPLAG)

Francisco de Queiroz Maia Júnior – Secretário

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)

Flávio Ataliba Flexa Daltro Barreto – Diretor Geral

Adriano Sarquis – Diretor de Estudos Econômicos

Cláudio André Gondim Nogueira – Diretor de Estudos de Gestão Pública

IPECE Conjuntura – 1º Trimestre – jan.mar. de 2017

Equipe Técnica

Daniel Suliano (Coordenação Técnica)

Nicolino Trompieri Neto (Revisão)

Alexsandre Lira Cavalcante

Ana Cristina Lima Maia Souza

Paulo Pontes

Witalo de Lima Paiva

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) é uma autarquia vinculada à Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Ceará.

Fundado em 14 de abril de 2003, o IPECE é o órgão do Governo responsável pela geração de estudos, pesquisas e informações socioeconômicas e geográficas que permitem a avaliação de programas e a elaboração de estratégias e políticas públicas para o desenvolvimento do Estado do Ceará.

Missão

Propor políticas públicas para o desenvolvimento sustentável do Ceará por meio da geração de conhecimento, informações geosocioeconômicas e da assessoria ao Governo do Estado em suas decisões estratégicas.

Visão

Ser uma instituição de pesquisa capaz de influenciar de modo mais efetivo, até 2025, a formulação de políticas públicas estruturadoras do desenvolvimento sustentável do estado do Ceará.

Valores

Ética e Transparência; Autonomia Técnica; Rigor Científico; Competência e Comprometimento Profissional; Cooperação Interinstitucional e Compromisso com a Sociedade.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)

Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/nº - Edifício SEPLAG, Térreo

Centro Administrativo Governador Virgílio Távora – Cambéba

Tel. (85) 3101-3496

CEP: 60830-120 – Fortaleza-CE.

ouvidoria@ipece.ce.gov.br

www.ipece.ce.gov.br

APRESENTAÇÃO

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) publica o IPECE CONJUNTURA – Boletim da Conjuntura Econômica Cearense, referente aos resultados do 1º trimestre de 2017.

Neste documento, são apresentadas análises do cenário econômico internacional e nacional, os quais serviram de parâmetros para reflexão sobre o desempenho da atividade econômica do Estado do Ceará.

O Boletim contempla uma série de seções envolvendo indicadores que traduzem o dinamismo conjuntural da economia cearense a partir dos três grandes setores: agropecuária, indústria e serviços. No caso dos serviços, neste trimestre é retomada a análise da Pesquisa Mensal dos Serviços (PMS) além de complementada pela tradicional análise do comércio varejista (comum e ampliado).

O Mercado de Trabalho é analisado com base na pesquisa amostral da PNAD contínua do IBGE e o emprego formal utiliza dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Comércio Exterior e Finanças Públicas são outras duas seções que analisam os referidos temas no documento.

O Boletim IPECE CONJUNTURA procura atender a demanda do setor público e privado por informações de curto prazo da economia cearense.

ÍNDICE

SUMÁRIO EXECUTIVO, 3

1. PANORAMA INTERNACIONAL, 4

2. EVOLUÇÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA, 6

3. ECONOMIA CEARENSE E PRODUTO INTERNO BRUTO, 11

4. ANÁLISE DA DINÂMICA SETORIAL, 13

4.1. Agropecuária, 13

4.2. Indústria, 18

4.3. Serviços, 24

4.3.1 Pesquisa Mensal dos Serviços, 24

4.3.2 Comércio Varejista, 29

5. MERCADO DE TRABALHO, 35

5.1. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 35

5.2. Emprego Formal, 38

6. COMÉRCIO EXTERIOR, 43

7. FINANÇAS PÚBLICAS, 45

8. CONSIDERAÇÕES GERAIS, 53

IPECE Conjuntura / Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE). – Fortaleza, CEARÁ.
ISSN 2357-7789

Economia Brasileira. Economia Cearense. Indústria.

Mercado de Trabalho. Finanças Públicas.

Fortaleza – Ceará

SUMÁRIO EXECUTIVO

- O crescimento da economia mundial para o ano de 2017 apresenta uma estimativa de 3,5%, conforme dados do FMI na publicação do *World Economic Outlook Update* de abril de 2017. Essa estimativa vem sendo influenciada pelo desempenho das economias desenvolvidas, a destacar Estados Unidos, Alemanha e Espanha, e pelos países emergentes, como a Índia e China;
- Neste primeiro trimestre de 2017, o PIB do Brasil cresceu 1,0% com relação ao último trimestre de 2016. Do ponto de vista puramente técnico, esse crescimento representa a saída da economia brasileira do ambiente recessivo no qual se encontrava após oito trimestres de quedas consecutivas da atividade econômica;
- O PIB do Ceará cresceu 1,87% na comparação do primeiro trimestre de 2017 em relação ao quarto trimestre de 2016, sendo o primeiro trimestre positivo nessa comparação desde o quarto trimestre de 2014;
- O ano de 2017 começou com boas previsões de chuvas, gerando expectativa de crescimento do setor agropecuário. Conforme dados da FUNCEME, o primeiro trimestre de 2017 apresentou uma quantidade de chuva em torno da média normal do estado. Não obstante o volume de chuvas ocorrido no Ceará tenha ficado acima da média, a quantidade de água não foi suficiente para os reservatórios cearenses adquirirem grandes aportes de água;
- O movimento da indústria ao apresentar taxas ainda negativas, mas cada vez menores, aliado ao fato de determinadas e importantes atividades já apresentarem um processo de expansão continuada, parece indicar que o retorno a um quadro de crescimento estar próximo;
- Dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE no primeiro trimestre do ano de 2017 indicam que o setor de serviços registrou retração de -0,2% comparado ao mesmo período de 2016. Considerando também a estagnação do primeiro trimestre de 2016 esse resultado se constitui no nono trimestre seguido de queda a partir de uma comparação trimestral com relação ao mesmo trimestre do ano anterior;
- Neste mesmo primeiro trimestre de 2017 o varejo comum cearense registrou uma queda (-7,0%), e, portanto, mais que duas vezes superior à registrada pelo varejo nacional (-3,0%), considerando o mesmo período do ano anterior. Com base nessa mesma referência, o varejo ampliado cearense e nacional registraram queda de, respectivamente, 3,9% e 2,5%;
- A Taxa de Desocupação do Ceará saltou em dois anos (primeiro trimestre de 2015 ao primeiro trimestre de 2017) de 7,9% para 14,3%, de acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC);
- No que tange ao emprego formal, a dinâmica mensal da geração e destruição de postos de trabalho celetistas numa comparação trimestral revela que o maior fechamento de vagas de trabalho foi observada no primeiro trimestre do ano de 2016 (-17.162 vagas). No primeiro trimestre de 2017 a destruição de vagas foi igual a 11.495 postos;
- As mudanças ocorridas na dinâmica dos comércio exterior cearense deve-se a movimentação das exportações e importações da Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP). Os mercados internacionais que ampliaram suas compras com o Ceará foi através da aquisição de *outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado, de seção transversal retangular*, tendo este produto passado a responder por mais de 50% do valor exportado pelo Ceará. Pelo lado das importações, a dinâmica também ficou por conta da CSP, que começou a importar maior quantidade de *hulha betuminosa e máquinas e equipamento*;
- Nas Finanças Públicas estaduais, embora as “Receitas Correntes” do Estado tenham caído 0,5% no primeiro trimestre de 2017, quando comparada a idêntico período do ano anterior, as duas principais fontes de recursos do Governo Estadual, “Receitas Tributárias” e “Transferências Correntes”, apresentaram, respectivamente, crescimento de 0,3% e 5,3%.

1 PANORAMA INTERNACIONAL

O crescimento da economia mundial para o ano de 2017 apresenta uma estimativa de 3,5%, conforme dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), na publicação do *World Economic Outlook Update* de abril de 2017. Essa estimativa vem sendo influenciada pelo desempenho das economias desenvolvidas, a destacar Estados Unidos, Alemanha e Espanha, e pelos países emergentes, como a Índia e China.

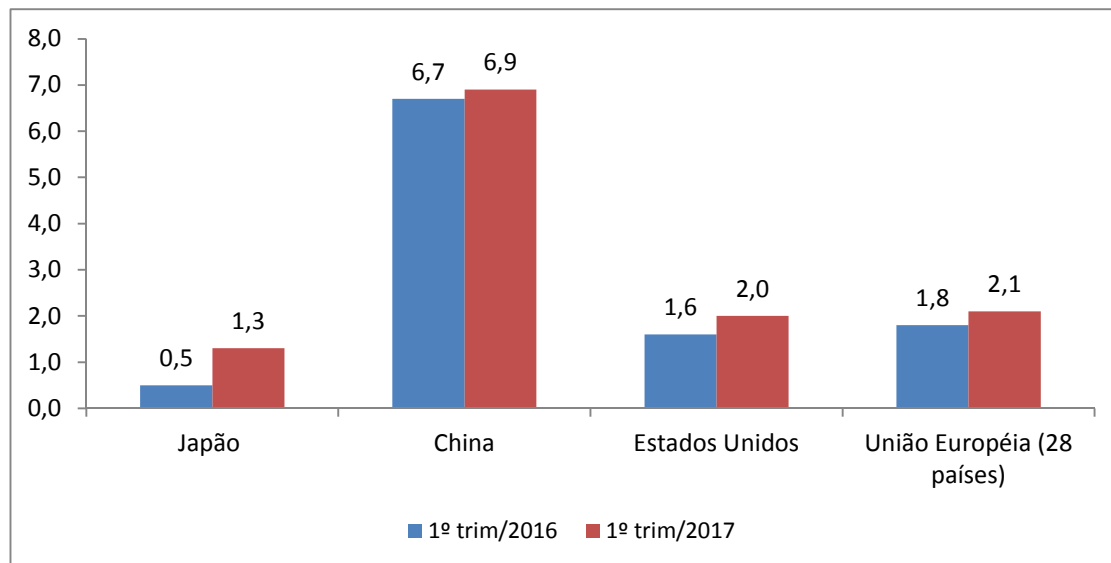
O crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) americano no primeiro trimestre de 2017, com relação ao mesmo período de 2016, foi de 2,0%, sendo um crescimento superior ao registrado no primeiro trimestre de 2016, com relação ao mesmo período de 2015. O forte gasto dos consumidores tem sido o principal fator positivo na economia dos EUA, aumentando 2,7% em relação a 2016. No entanto, o consumo ainda está em torno de 5% abaixo da tendência pré-crise. A despesa é apoiada por um maior otimismo sobre as perspectivas de renda futura e uma modesta melhoria no mercado de trabalho. As taxas de juros de longo prazo dos EUA (*yields* no caso de títulos) se recuperaram após terem diminuído durante grande parte de 2016. O mercado financeiro americano espera que o estímulo fiscal do Governo Trump e as maiores tarifas de comércio resultem em um ritmo mais rápido de aumentos da taxa de juros do Fed e maior inflação.

Por sua vez, a União Européia apresentou no primeiro trimestre de 2017 com relação ao mesmo período de 2016, crescimento de 2,1%, em um ritmo de crescimento superior ao registrado em 2016 (1,8%), para o mesmo período de comparação. França, Espanha, Alemanha e Itália foram os destaques de crescimento no primeiro trimestre de 2017. As despesas do consumidor aumentaram e continuam a ser o principal componente do crescimento econômico da zona do euro. A confiança dos consumidores aumentou substancialmente a partir do último trimestre de 2016, especialmente na França, aquecendo o mercado de trabalho europeu no primeiro trimestre de 2017. As taxas de juros de longo prazo da zona do euro aumentaram em sintonia com o aumento das taxas de juros de longo prazo dos EUA e um pequeno aumento nas expectativas de inflação. No entanto, com a exceção da Itália, as taxas de juros ainda são menores do que no final de 2015.

A economia da China apresentou crescimento de 6,9% no primeiro trimestre de 2017, com relação ao mesmo período de 2016, sendo um resultado levemente superior ao registrado no primeiro trimestre de 2016 (6,7%). Como nos trimestres anteriores, os serviços expandiram-se mais rapidamente do que a produção global, sendo puxado pelo aumento nas vendas no varejo. Por outro lado houve cortes de investimentos na indústria pesada, mas numa escala insuficiente para reverter o crescimento registrado no período. A confiança dos consumidores

aumentou significativamente no segundo semestre de 2016, apoiando a mudança para uma economia baseada no consumo, e vem sendo mantida nesse primeiro trimestre de 2017. Finalmente, a economia japonesa apresentou no primeiro trimestre de 2017, em relação ao mesmo trimestre de 2016, crescimento de 1,3%, sendo explicado pelos aumentos das despesas das famílias, do investimento em capital fixo das empresas e das exportações.

Gráfico1.1: Taxa (%) de Crescimento do PIB – 1º trimestre de 2017 em relação ao mesmo trimestre de 2016



Fonte: OECD. Elaboração: IPECE.

2 EVOLUÇÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA

No primeiro trimestre de 2017, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, que representa o somatório dos valores adicionados dos setores da Agropecuária, Indústria e Serviços, acrescidos dos impostos líquidos dos subsídios, registrou uma queda de 0,4% em relação ao primeiro trimestre de 2016 (Tabela 2.1), apresentando um desempenho superior ao primeiro trimestre de 2016 com relação ao mesmo período do ano de 2015, onde registrou-se uma queda de 5,4%.

Tabela 2.1: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao mesmo do ano anterior – Brasil – 2016 e 1º Trim. 2017(*)

Setores e Atividades	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	Acumulado
	2016 (**)	2016 (**)	2016 (**)	2016 (**)	2017 (**)	nos 4 últimos Trim (***)
Agropecuária	-8,3	-6,1	-6,0	-5,0	15,2	0,3
Indústria	-7,0	-2,9	-2,9	-2,4	-1,1	-2,4
Extrativa Mineral	-9,2	-5,1	-1,3	4,0	9,7	1,6
Transformação	-10,4	-4,7	-3,5	-2,4	-1,0	-3,0
Construção Civil	-5,0	-3,2	-4,9	-7,5	-6,3	-5,5
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	3,8	8,7	4,3	2,4	4,4	4,9
Serviços	-3,5	-2,7	-2,2	-2,4	-1,7	-2,3
Comércio	-10,5	-6,6	-4,4	-3,5	-2,5	-4,3
Transportes	-7,3	-6,0	-7,4	-7,5	-2,2	-5,9
Intermediação Financeira	-1,3	-3,0	-3,3	-3,4	-4,0	-3,4
Administração Pública (APU)	-0,1	0,5	0,1	-0,7	-0,7	-0,2
Outros Serviços	-3,3	-3,9	-2,5	-2,6	-1,8	-2,7
VA a preços básicos	-4,6	-3,0	-2,5	-2,3	-0,3	-2,1
PIB pm	-5,4	-3,6	-2,9	-2,5	-0,4	-2,3

Fonte: IPECE e IBGE. Elaboração: IPECE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos;

(**) Em comparação a igual período do ano anterior;

(***) Em comparação aos quatro trimestres imediatamente anteriores.

Dentre as atividades que contribuíram para a geração do Valor Adicionado no primeiro trimestre de 2017 em relação a igual período do ano anterior, a Agropecuária cresceu 15,2%. Este resultado pode ser explicado, principalmente, pelo desempenho de alguns produtos da lavoura que possuem safra relevante no primeiro trimestre e apresentaram crescimento nas estimativas de produção anual e ganho de produtividade. Segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA/IBGE), divulgado no mês de maio, esse é o caso, por exemplo, do milho (46,8%), do fumo (28,4%), da soja (17,5%) e do arroz (13,5%).

A Indústria sofreu queda de 1,1%. Nesse contexto, a Indústria de Transformação apresentou contração de 1,0%. O seu resultado foi influenciado, principalmente, pelo decréscimo da produção de produtos alimentícios; produtos derivados do petróleo e biocombustíveis; móveis; e equipamentos de transporte (exceto veículos automotivos). A Construção Civil também registrou queda (-6,3%). Já a Extrativa Mineral apresentou um considerável crescimento de 9,7%, explicado pelo crescimento da extração de petróleo e gás natural e de minérios ferrosos. A atividade de Eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana, também registrou expansão (4,4%), influenciada pelo efeito-base proveniente do desligamento de termelétricas ocorrido entre o 4º trimestre de 2015 e primeiro trimestre de 2016.

O setor de Serviços decresceu 1,7%, com destaque negativo para as contrações de 4,0% em Intermediação Financeira e seguros e de 2,5% no Comércio (atacadista e varejista). Também apresentaram resultado negativo as atividades de Transporte, armazenagem e correio (-2,2%), Outros Serviços (-1,8%) e Administração, saúde e educação pública (-0,7%).

Tabela 2.2: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao imediatamente anterior – Brasil – 2016 e 1º Trim. 2017 (*)

Setores e Atividades	1º Trim. 2016 (**)	2º Trim. 2016 (**)	3º Trim. 2016 (**)	4º Trim. 2016 (**)	1º Trim. 2017 (**)
Agropecuária	-6,0	0,9	0,2	-0,2	13,4
Indústria	-0,4	0,3	-1,4	-0,9	0,9
Extrativa Mineral	-2,0	1,6	4,0	0,6	1,7
Transformação	-0,1	0,4	-1,8	-0,7	0,9
Construção Civil	-1,9	-1,6	-1,9	-2,4	0,5
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	1,4	2,4	-1,4	0,0	3,3
Serviços	-0,5	-0,6	-0,5	-0,7	0,0
Comércio	-1,6	-0,5	-0,3	-1,1	-0,6
Transportes	-1,7	-2,3	-2,2	-1,3	2,8
Intermediação Financeira	-0,5	-1,2	-0,9	-0,9	-1,2
Administração Pública (APU)	-0,4	0,4	-0,3	-0,5	-0,1
Outros Serviços	0,0	-1,1	-0,8	-0,7	0,7
VA a preços básicos	-0,7	-0,3	-0,8	-0,4	0,9
PIB pm	-1,0	-0,3	-0,6	-0,5	1,0

Fonte: IPECE e IBGE. Elaboração: IPECE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos;

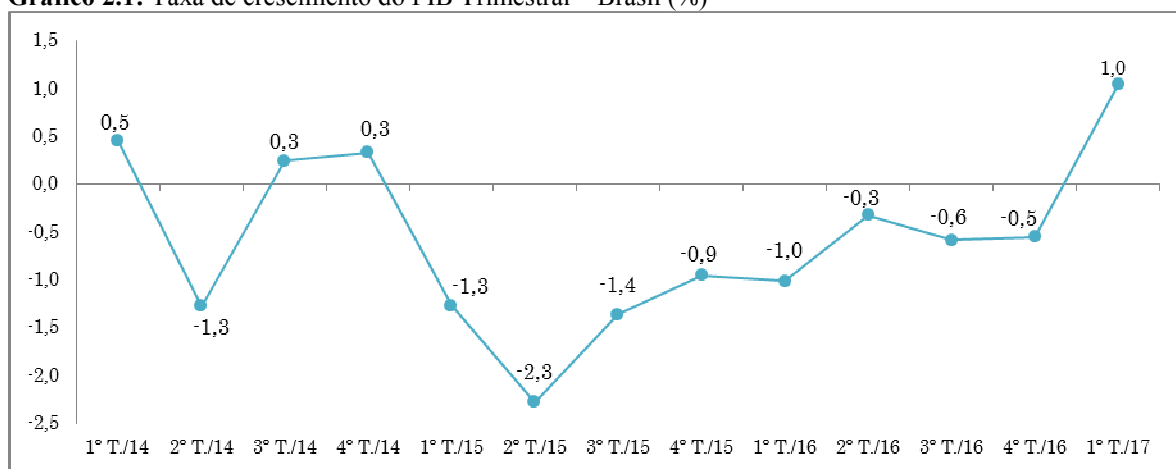
(**) Em comparação ao período imediatamente anterior;

Na comparação do primeiro trimestre de 2017 em relação ao quarto trimestre de 2016, trabalhando-se com as séries dessazonalizadas, o PIB apresentou crescimento de 1,0% (Tabela 2.2). É o primeiro resultado positivo após oito quedas consecutivas nesta base de

comparação. Do ponto de vista puramente técnico, esse crescimento representa a saída da economia brasileira do ambiente recessivo no qual se encontrava.

Não obstante o crescimento de 0,3%, tanto no terceiro trimestre de 2014 como no quarto trimestre do mesmo ano, deve-se destacar que desde o segundo trimestre de 2014 o Brasil se encontrava tecnicamente em recessão econômica, de acordo com o Comitê de Datação de Ciclos Econômicos (CODACE), da Fundação Getúlio Vargas. O Gráfico 2.1 abaixo apresenta a evolução do PIB trimestral desde o primeiro trimestre de 2014.

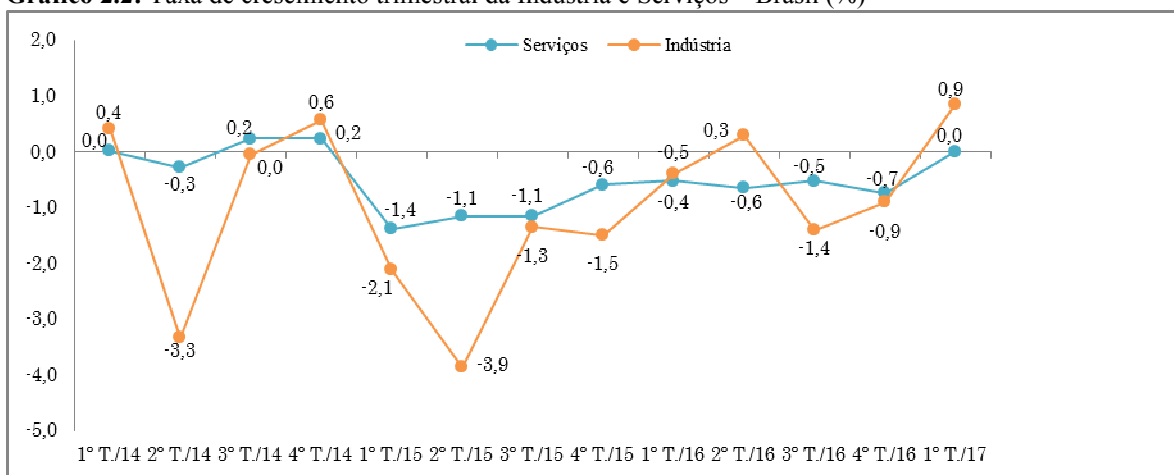
Gráfico 2.1: Taxa de crescimento do PIB Trimestral – Brasil (%)



Fonte: IBGE, Contas Nacionais. Elaboração: IPECE.

Em relação aos setores da economia brasileira, a Agropecuária teve expansão de 13,4%, a Indústria cresceu 0,9% e o setor de Serviços (0,0%) apresentou estabilidade. Na Indústria, houve expansão de 3,3% na atividade de Eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana (SIUP). As atividades Extrativa mineral (1,7%), Indústria de Transformação (0,9%) e Construção (0,5%) também apresentaram crescimento no trimestre. Nos Serviços, apresentaram resultado positivo as atividades de Transporte, armazenagem e correio (2,8%) e Outros serviços (0,7%). Já a Intermediação financeira e seguros (-1,2%) e o Comércio (-0,6%) apresentaram recuo. A atividade de Administração, saúde e educação pública (-0,1%) manteve-se praticamente estável no trimestre.

Em que pese a leve alta de 0,9% da indústria, destaca-se suas sucessivas quedas ao longo do período, não obstante diversos incentivos creditícios concedido ao setor ao longo desde o início das políticas contracíclicas iniciadas em 2009. O setor de serviços por sua vez, apresentou oito quedas consecutivas, conforme se observa no Gráfico 2.2 abaixo.

Gráfico 2.2: Taxa de crescimento trimestral da Indústria e Serviços – Brasil (%)

Fonte: IBGE, Contas Nacionais. Elaboração: IPECE.

Na Tabela 2.3 abaixo são apresentados os resultados do PIB trimestral nacional pela ótica da demanda – absorção doméstica e exportações líquidas.

Tabela 2.3: Taxa de crescimento do PIB Trimestral – Brasil (%)

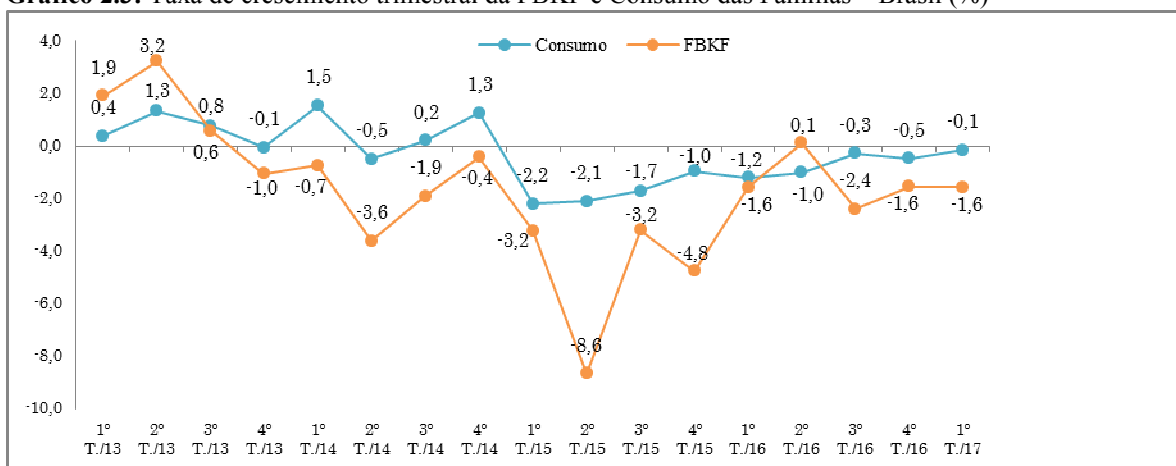
		Com Ajuste Sazonal				
Descrição		1º Trim. (2016)	2º Trim. (2016)	3º Trim. (2016)	4º Trim. (2016)	1º Trim. (2017)
Ótica da Demanda	Consumo das famílias	-1,2	-1,0	-0,3	-0,5	-0,1
	Consumo do governo	0,6	-0,2	-0,4	0,0	-0,6
	Formação bruta de capital fixo (FBKF)	-1,6	0,1	-2,4	-1,6	-1,6
	Exportações	-0,1	-0,2	-2,7	-1,0	4,8
	Importações (-)	-4,2	6,4	-3,1	3,5	1,8

Fonte: IBGE, Contas Nacionais. Elaboração: IPECE.

A FBKF (investimentos) apresentou mais um desempenho negativo de 1,6%. Dados do Gráfico 2.3, abaixo, revelam que o componente tem apresentado sucessivas quedas desde o quarto trimestre de 2013. Adicionalmente, o cenário político traz ainda muita incerteza, comprometendo as expectativas dos empresários no que tange às decisões de planejamento dos fluxos de caixa.

O mesmo Gráfico 2.3 apresenta também a taxa de crescimento do consumo das famílias desde o primeiro trimestre de 2013. Os dados revelam que a queda do consumo das famílias tem sido recorrente. As incertezas diante do futuro freia o consumo, assim como o alto desemprego.

Gráfico 2.3: Taxa de crescimento trimestral da FBKF e Consumo das Famílias – Brasil (%)



Fonte: IBGE, Contas Nacionais. Elaboração: IPECE.

3 ECONOMIA CEARENSE E PRODUTO INTERNO BRUTO

No primeiro trimestre de 2017 com relação ao mesmo período de 2016, a economia cearense apresentou uma queda de 1,40%. Esta queda mostra que a economia do Ceará ainda vem sofrendo as consequências da crise macroeconômica brasileira, mas também vem apresentando um ritmo de desaceleração das quedas em relação aos trimestres do ano de 2016 (Tabela 3.1). No acumulado dos últimos quatro trimestres registra-se um decréscimo de 4,66%.

Tabela 3.1: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao mesmo do ano anterior – Ceará - 2016 e 1º Trim. 2017(*)

Setores e Atividades	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	Acumulado
	2016 (**)	2016 (**)	2016 (**)	2016 (**)	2017 (**)	nos 4 últimos Trim (***)
Agropecuária	-7,06	-2,41	1,50	-14,19	-1,52	-3,92
Indústria	-10,03	-10,30	-9,50	-5,62	-2,12	-7,04
Extrativa Mineral	5,18	2,82	0,64	11,22	-20,06	-2,00
Transformação	-10,52	-7,62	-7,28	-2,43	1,27	-4,17
Construção Civil	-14,09	-18,17	-17,11	-14,02	-5,96	-14,16
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	1,13	2,88	2,20	1,54	0,45	1,76
Serviços	-6,78	-6,51	-4,90	-4,08	-1,26	-4,25
Comércio	-13,63	-14,96	-11,96	-8,48	-1,02	-9,40
Alojamento e Alimentação	-0,79	-3,04	-3,97	-2,80	-1,54	-2,85
Transportes	-7,35	-4,44	-4,66	-3,20	-2,82	-3,80
Intermediação Financeira	-10,06	-9,58	-7,18	-6,78	-1,47	-6,42
Administração Pública	-1,51	-0,21	0,46	-0,05	-1,04	-0,21
Outros Serviços	4,49	3,99	4,45	2,97	0,28	2,90
VA a preços básicos	-7,68	-7,01	-5,10	-4,90	-1,41	-4,69
PIB pm	-7,61	-6,98	-5,10	-4,83	-1,40	-4,66

Fonte: IPECE e IBGE. Elaboração: IPECE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos;

(**) Em comparação a igual período do ano anterior;

(***) Em comparação aos quatro trimestres imediatamente anteriores.

Em relação aos setores que compõem o cálculo do PIB do Ceará, na comparação do primeiro trimestre de 2017 com o mesmo período de 2016, a Agropecuária apresentou um decréscimo de 1,52%. Para o mesmo período de análise, a Indústria apresentou uma queda de 2,12%, enquanto que o setor de serviços apresentou uma queda de 1,26%. Observa-se que todas as atividades apresentaram quedas bem inferiores às registradas no primeiro trimestre de 2016, indicando assim uma desaceleração do ritmo de queda, sinalizando uma retomada para

o crescimento, no qual pode-se confirmar dado os crescimentos dessas atividades no primeiro trimestre de 2017 em relação ao quarto trimestre de 2016. (Tabela 3.2).

Tabela 3.2: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao imediatamente anterior – Ceará – 2016 e 1º Trim. 2017(*)

Setores e Atividades	1º Trim. 2016 (**)	2º Trim. 2016 (**)	3º Trim. 2016 (**)	4º Trim. 2016 (**)	1º Trim. 2017 (**)
Agropecuária	-4,24	-4,40	3,58	-9,51	10,59
Indústria	-1,67	-1,62	-2,16	-0,13	1,81
Extrativa Mineral	23,04	-1,31	-1,76	-6,63	-11,35
Transformação	-0,97	-0,39	-1,19	0,34	2,51
Construção Civil	-5,29	-4,65	-2,59	-1,54	2,21
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	0,94	0,89	-0,44	0,19	-0,16
Serviços	-1,12	-1,26	-0,87	-0,88	1,78
Comércio	-4,34	-3,14	-1,20	0,18	3,00
Alojamento e Alimentação	-0,89	-1,01	-0,90	-0,06	0,45
Transportes	1,37	-0,70	-1,65	-2,12	1,56
Intermediação Financeira	-1,57	-2,56	-0,67	-2,09	3,78
Administração Pública	0,02	0,36	-0,06	-0,35	-0,98
Outros Serviços	1,89	0,59	0,80	-0,28	-0,67
VA a preços básicos	-1,69	-1,51	-0,57	-1,26	2,02
PIB pm	-1,79	-1,41	-0,56	-1,20	1,87

Fonte: IPECE e IBGE. Elaboração: IPECE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos;

(**) Em comparação ao período imediatamente anterior;

A Tabela 3.2 apresenta a análise das séries dessazonalizadas para a economia do Ceará. Na comparação do primeiro trimestre de 2017 em relação ao quarto trimestre de 2016, o PIB do Ceará cresceu 1,87%, sendo o primeiro trimestre positivo nessa comparação desde o quarto trimestre de 2014. Esse resultado fortalece a indicação de uma tendência de retomada do crescimento e término da crise macroeconômica que afeta a economia cearense, porém deve-se aguardar o resultado do segundo trimestre de 2017 para a confirmação dessa tendência.

Na análise dos setores da economia cearense, a Agropecuária teve expansão de 10,59%, a Indústria cresceu 1,81% e o setor de Serviços cresceu 1,78%. Na Indústria, os destaques positivos foram os crescimentos de 2,51% na indústria de transformação e de 2,21% na construção civil. Já para o setor de Serviços, os destaques foram intermediação financeira (3,78%) e o Comércio (3,0%).

4 ANÁLISE DA DINÂMICA SETORIAL

4.1 Agropecuária

O ano de 2017 começou com boas previsões de chuvas, gerando expectativa de crescimento do setor agropecuário. Conforme dados da Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (FUNCEME), o primeiro trimestre de 2017 apresentou uma quantidade de chuva em torno da média normal do estado. Comparando o ano de 2017 e 2016, observa-se que nesse primeiro trimestre de 2017 a pluviosidade foi maior, com quantidade de 435,3 mm, contra o valor de 374,4 mm, no primeiro trimestre de 2016.

Quando analisado a distribuição espacial das chuvas ocorridas no primeiro trimestre de 2017, verifica-se que o Litoral de Fortaleza foi a região com maior volume de pluviosidade, com 657,3 mm, ficando 36,7% acima do desvio para a região. Porém, o Litoral de Fortaleza é pouco significativo na produção agrícola. O Litoral Norte e Maciço de Baturité aparecem logo em seguida com maiores volumes de chuvas, ambos ficando acima da média, o que favorece a produção agrícola dessas regiões, que são grandes produtoras. Todavia, a região do Cariri e Sertão Central e Inhamuns, que também são grandes produtoras de grãos do Ceará, foram as regiões onde menos choveu, com desvio de -11,6% e -6,9%, respectivamente, abaixo da média normal. (Tabela 4.1).

Tabela 4.1: Comparativo do desvio percentual entre a média das normais e a média das pluviosidades observadas 1º trimestre de 2016 e 2017

Macrorregião	Normal (mm)	Observada (mm)		Desvio (%)	
		1º trim. 2016	1º trim. 2017	1º trim. 2016	1º trim. 2017
Cariri	521.7	477.6	461.2	-8.5	-11.6
Ibiapaba	476.7	428.5	525.1	-10.1	10.2
Jaguaribana	380.0	303.0	368.5	-20.3	-3.0
Litoral de Fortaleza	480.7	397.6	657.3	-17.3	36.7
Litoral de Pecem	441.8	464.5	476.8	5.1	7.9
Litoral Norte	527.7	509.7	606.7	-3.4	15.0
Maciço de Baturité	423.2	372.5	531.7	-12.0	25.7
Sertão Central e Inhamuns	357.1	307.4	332.3	-13.9	-6.9
Ceará	420.8	374.4	435.3	-11.0	3.5

Fonte: FUNCEME. Elaboração: IPECE.

Embora o volume de chuvas ocorrido no Ceará tenha ficado acima da média normal no primeiro trimestre do ano, a quantidade de água não foi suficiente para os reservatórios cearenses adquirirem grandes aportes de água. Segundo a Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos (COGERH), as bacias hidrográficas da Região de Acaraú foi a que registrou maior

aporte de água (192,83 m³), chegando a 17,06% da capacidade total. As bacias de Coreaú e Litoral apresentaram os maiores volumes, 48,22% e 38,75%, respectivamente (Quadro 4.1).

As Bacias do Médio Jaguaribe, onde encontra-se o açude castanhão, adquiriu 62,17 m³ de água, mas com a capacidade de apenas 5,26%. Sertões de Crateús e Baixo Jaguaribe apresentam os menores percentuais da capacidade total.

Há três anos os reservatórios de água vem sendo preocupação para o Estado. As chuvas do primeiro trimestre de 2017 não foram suficientes para atingir um nível considerado favorável para sair da crise hídrica. Ao observar todas as bacias hidrográficas cearense notou-se que o nível corresponde a 9,01%, ou seja, ganho de apenas 2,33 pontos percentuais (p.p.) do valor registrado no início do ano (6,68%).

Nesse aspecto, a situação hídrica ainda traz problemas para o setor produtivo, com destaque para a agropecuária, que é bastante afetada pela falta de chuvas e pelo pouco volume de água nos reservatórios, implicando em redução no fornecimento de água nos pólos agrícolas irrigados.

Quadro 4.1: Capacidade e volume (%) de armazenamento das Bacias Hidrográficas do Ceará – 1º trimestre de 2017

Regiões	Capacidade (m ³)	Volume (%) no início do ano	Volume (%) no 1º trim/2017	Aporte (milhões de m ³)
Acaraú	1.721.047.165	6,96	17,06	192,83
Alto Jaguaribe	2.778.546.000	13,41	10,47	37,34
Baixo Jaguaribe	24.000.000	0,00	0,00	0,00
Banabuiú	2.760.949.943	1,75	3,26	46,76
Coreaú	308.660.000	25,66	48,22	81,57
Curu	1.028.210.000	1,47	7,27	65,75
Litoral	214.901.071	26,05	38,75	37,58
Médio Jaguaribe	7.386.694.237	4,68	5,26	62,17
Metropolitana	1.371.412.000	10,22	16,19	35,61
Salgado	452.312.000	9,41	13,14	25,49
Serra da Ibiapaba	141.000.000	13,89	14,26	2,66
Sertões de Crateús	448.047.203	1,39	1,71	4,28
Ceará	18.635.779.619	6,68	9,01	592,04

Fonte: COGERH. Elaboração: IPECE.

Diante das expectativas de chuvas no começo do ano, os agricultores logo começaram a plantar. Sendo assim, as estimativas realizadas pelo Levantamento Sistemático da Produção

Agrícola LSPA/IBGE¹ para a produção de grãos no Ceará vem indicando crescimento de produção no ano de 2017, comparada a produção obtida em 2016. Destaque para o aumento da produção das culturas de milho e feijão, que apontam variação de 141,67% e 83,30%, respectivamente. A produção de arroz indica crescimento de 183,43%, comparada a quantidade obtida em 2016, tendo sido este último ano uma das menores safras dos últimos anos.

A produção de mandioca indica queda de 14,92% em 2017, comparado ao ano anterior. Essa redução está associada a redução da área colhida, havendo uma substituição do plantio de mandioca por outras lavouras.

Ressalta-se que as estimativas do primeiro trimestre estão baseadas principalmente na informação de áreas plantadas e produtividade prevista, havendo pequena quantidade de produção. Apenas nas demais estimativas são captadas os efeitos ocorridos ao longo do período. Sendo assim, entende-se que esses valores de produção são alterados, conforme novas informações geradas pela LSPA.

Tabela 4.2: Produção (em toneladas) obtida e estimativa de Grãos e outras culturas no Ceará - 2016-2017

Produção de Grãos	Produção 2016	Produção 2017	Var (%) 2017/2016
Arroz	14.373	40.737	183,43
Feijão	56.669	103.877	83,30
Milho	114.675	277.134	141,67
Mandioca	387.831	329.973	-14,92

Fonte: IBGE. Nota: (*) O valor de 2016 refere-se aos valores da produção obtida e o valor de 2017 corresponde a estimativa. Elaboração: IPECE.

A produção de frutas em 2017 indica bons resultados para quase todas as culturas, dentre as quais pode-se destacar o melão (21,72%) e a melancia (26,86%), que apontam para a retomada do crescimento da produção. Também há boas perspectivas para o aumento da produção de goiaba (16,74%), laranja (25,58%), mamão (22,33%) e maracujá (18,66%). A produção de abacaxi (-77,34%) e coco-da-baía (-13,62%) indicam queda, o primeiro em virtude da redução de área colhida e o outro em razão da queda de produtividade. Adicionalmente, a produção de frutas no Ceará pode sofrer com a limitação de água, principalmente as produzidas no polos irrigados.

¹ As estimativas realizadas pelo LSPA/IBGE começa o ano com a estimativa com base nas safras passadas e nas condições de plantio. Esta sistemática possibilita a cada mês da fase de tratamentos culturais a correção das estimativas para as variáveis investigadas.

Tabela 4.3: Produção obtida e estimativa de Frutas⁽¹⁾ (em toneladas) no Ceará – 2016-2017

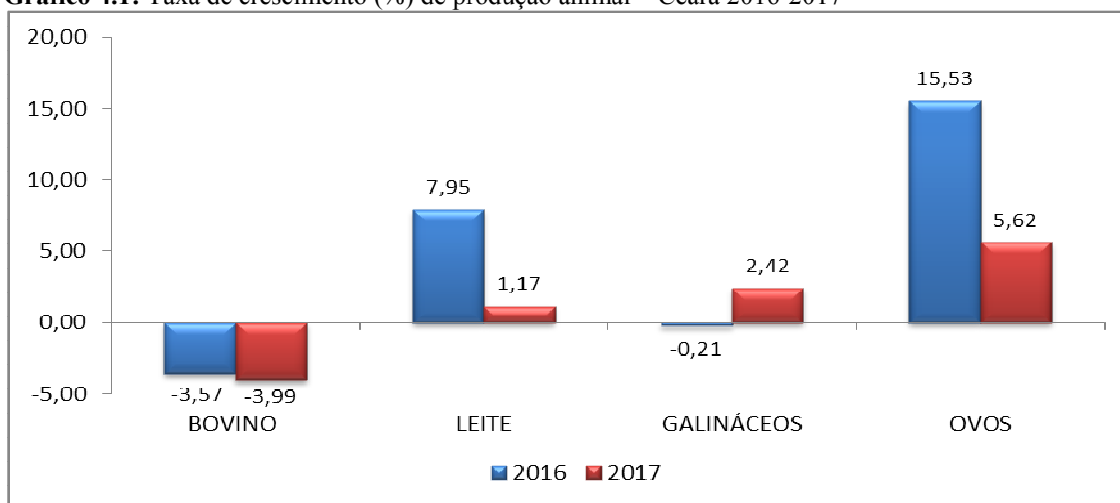
Produção de Frutas	Produção 2016	Estimativa 2017	Varição (%) 2017/2016
Acerola	12.728	12.721	-0,05
Banana	323.840	348.313	7,56
Goiaba	15.434	18.017	16,74
Laranja	8.474	10.642	25,58
Mamão	110.520	135.200	22,33
Manga	43.233	47.087	8,91
Maracujá	98.122	116.432	18,66
Melancia	35.469	44.995	26,86
Melão	98.533	119.936	21,72
Abacaxi*	2.361	535	-77,34
Coco-da-baía*	262.226	226.498	-13,62

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

Notas: (1) O valor de 2016 refere-se a produção obtida e o valor de 2017 corresponde a estimativa. (*) Produção em mil frutos.

A pecuária cearense destaca-se principalmente pela produção de bovino, leite, aves e ovos. Pelo lado da produção animal destaca-se a produção de ovos que mantém um ritmo de crescimento elevado, tendo em 2017 estimativa de aumento de 5,62%, comparado com o ano de 2016. Ressalta-se também o desempenho positivo da atividade galináceos, que indica crescimento de 2,42% em 2017, com relação ao ano anterior. Quanto a produção de bovino é estimado mais um ano de queda, com variação negativa de 3,99% em 2017 (em 2016, já havia registrado queda de 3,57%). Esses resultados mostram a redução que a atividade bovino vem obtendo nos últimos anos no Ceará (Gráfico 4.1).

A produção de leite para o ano de 2017 indica crescimento de 1,17%, comparado ao ano de 2016. Destaca-se que esta atividade vem crescendo no Ceará, diante das novas técnicas de produção utilizadas, e, conseqüentemente, expansão da produção. O Ceará, atualmente, é o terceiro maior produtor de leite da Região Nordeste.

Gráfico 4.1: Taxa de crescimento (%) de produção animal – Ceará 2016-2017

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

As chuvas favoreceram para deixar o solo mais úmido e melhorar a zona aquífero beneficiando principalmente as lavouras produzidas em técnica de sequeiro. O volume de pluviosidade no Ceará, em 2017, conseguiu recuperar uma pequena parte do volume dos reservatórios, chegando a mesma quantidade de água armazenada no fim do período de chuvas do ano passado. Porém, essa quantidade ainda é considerada preocupante, pois o setor agropecuário, ao longo do ano, pode ser prejudicado diante das baixas vazões para os polos irrigados e para a criação de animais e produção de produtos derivados.

4.2 Indústria

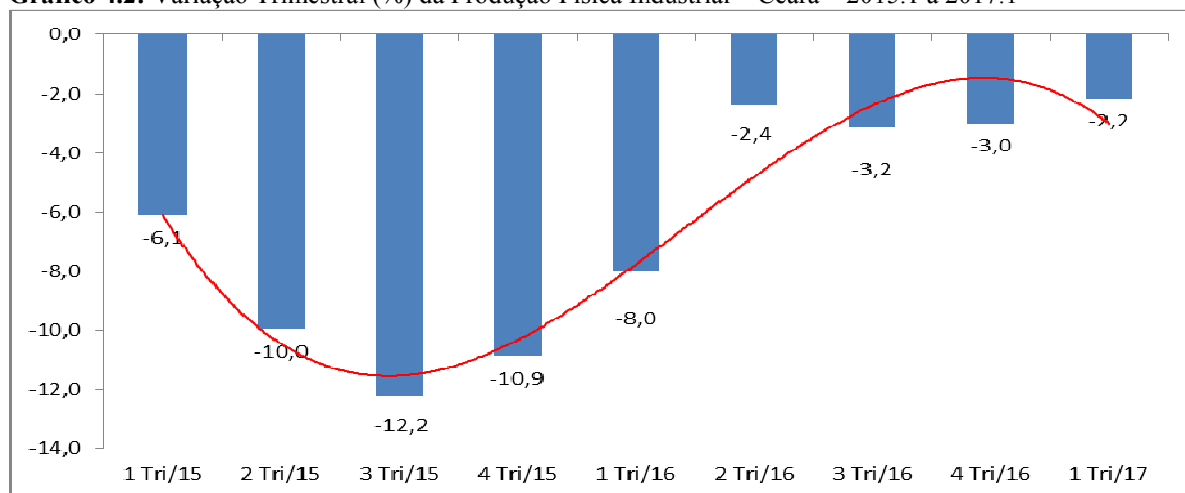
Indústria de Transformação

Os meses iniciais de 2017 não foram de expansão para a produção física da indústria cearense. Seguindo o comportamento dos períodos anteriores, o primeiro trimestre do ano foi novamente de encolhimento na produção, com retração de 2,2% na comparação com igual período do ano anterior. Com os últimos resultados, a manufatura cearense acumula um longo período de queda na produção, que já alcança doze trimestres seguidos. Os dados constam do indicador de produção física da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE (PIM-PF/IBGE).

Como já destacado nos informes anteriores, embora o desempenho ainda permaneça negativo, os resultados trimestrais evidenciam uma clara redução na intensidade das perdas na produção industrial. Se por um lado esse movimento pode estar a antecipar um resultado positivo em breve, por outro, o processo continuado de queda pode ter efeitos mais severos sobre a estrutura produtiva e reduzir a força dessa retomada.

O Gráfico 4.2, a seguir, deixa claro o ritmo de queda relativamente mais lento no movimento trimestre a trimestre.

Gráfico 4.2: Variação Trimestral (%) da Produção Física Industrial – Ceará – 2015.1 a 2017.1



Fonte: PIM-PF/IBGE. Elaboração: IPECE.

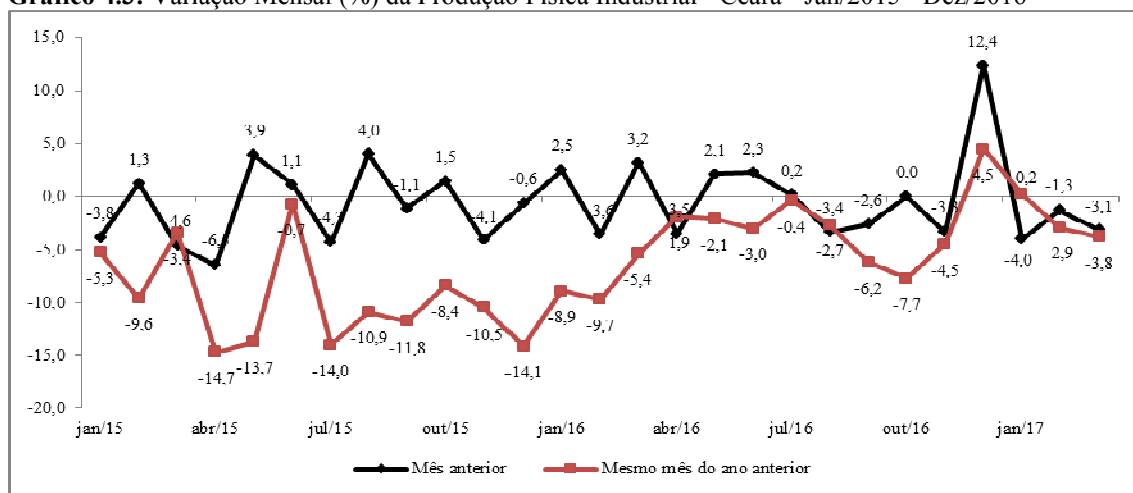
Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior.

Na comparação mensal, após os resultados positivos nos meses finais do ano passado, o início de 2017 se dá com reduções na produção. Em relação aos meses iniciais de 2016, os resultados da manufatura cearense foram 0,2%, -2,9% e -3,8% em janeiro, fevereiro e março, respectivamente. Apesar de negativos em sua maioria, as taxas atuais são relativamente melhores do que as apresentadas no mesmo período do ano anterior na comparação com 2015.

Na avaliação contra os meses imediatamente anteriores, a manufatura cearense também voltou a registrar reduções na produção. Neste início de ano, os resultados foram uma redução de 4,0% em janeiro sobre dezembro, uma nova retração de 2,9% em fevereiro e, por fim, uma terceira redução de 3,8% na passagem de fevereiro para março. O Gráfico 4.3 abaixo apresenta as taxas.

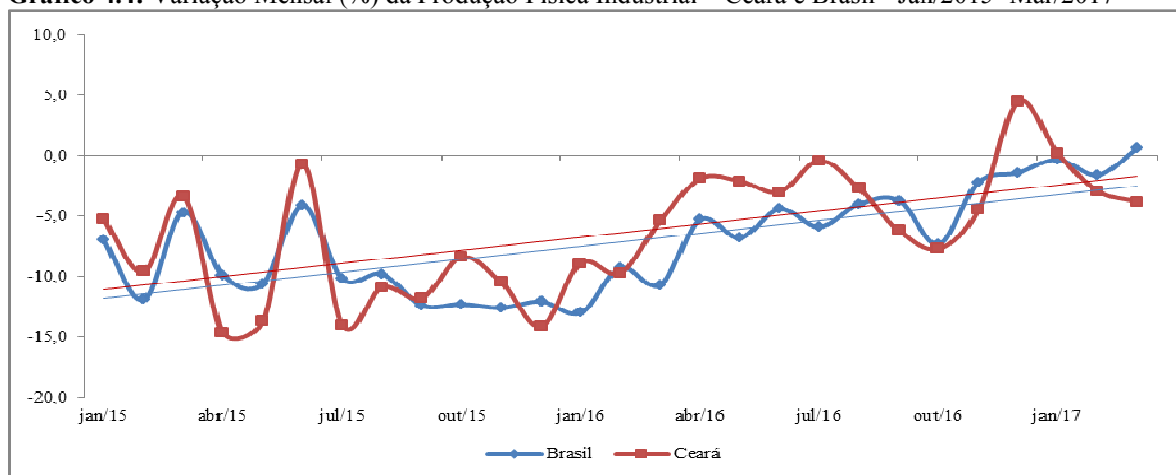
Esse movimento dos últimos meses reforça o quadro de instabilidade no desempenho da indústria de transformação no Estado. Embora relativamente melhores do que os observados no mesmo período do ano passado, tais resultados não asseguram o retorno da produção a uma dinâmica positiva de crescimento. Neste ambiente, os números são ambíguos quanto à retomada da atividade.

Gráfico 4.3: Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial - Ceará - Jan/2015 - Dez/2016



Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

O Gráfico 4.4, a seguir, compara a trajetória mensal da atividade industrial no Ceará e no Brasil. Neste, é possível perceber a melhora do ritmo da produção em ambos os parques e com intensidade bastante próxima. No gráfico, as linhas retas indicam a tendência do comportamento no período e confirmam a similaridade das trajetórias.

Gráfico 4.4: Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial – Ceará e Brasil - Jan/2015- Mar/2017

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior. As linhas retas indicam tendência de comportamento dos dados no período considerado.

No comparativo com os demais Estados, os resultados do primeiro trimestre mostram mudanças importantes nas dinâmicas estaduais. Diferente do observado nos últimos períodos, os meses iniciais de 2017 não registraram uma quadro de redução da produção industrial em todas as unidades da federação². No resultado para o primeiro trimestre, a maior parte dos Estados pesquisados apresentaram números positivos indicando uma expansão da produção industrial local.

Entre as quatorze unidades que participam do levantamento, apenas quatro amargaram queda entre os meses de janeiro a março de 2017 na comparação com 2016. São elas, Bahia (-8,0%), Pará (-3,3%), Minas Gerais (-1,3%) e Ceará (-2,2%). Entre os que apresentaram expansão, destaque para parques industriais importantes no país, como São Paulo (0,1%), Rio de Janeiro (2,2%) e Amazonas (2,3%). Na comparação com a média nacional e do Nordeste, o resultado cearense se mostra inferior ao país (-0,4%) e igual ao desempenho regional (-2,2%). A Tabela 4.4 traz os resultados para os Estados pesquisados, para o país e a região.

² O comparativo considera apenas a indústria de transformação. Desconsidera a indústria extrativa que é computada no resultado da indústria geral.

Tabela 4.4: Variação (%) da Produção Física Industrial - Brasil e Estados – Jan-Mar/2016 e 2017 e Acumulado do Ano

Brasil e Estados	Variação Mensal (2016)			Acumulado Ano (2016)	Variação Mensal (2017)			Acumulado Ano (2017)
	Janeiro	Fevereiro	Março		Janeiro	Fevereiro	Março	
Brasil	-13,0	-9,3	-10,7	-11,0	-0,3	-1,6	0,6	-0,4
Nordeste	-3,2	-2,8	-6,8	-4,3	-2,7	-1,6	-2,2	-2,2
Goiás	-14,3	-2,8	-11,9	-9,7	11,2	3,2	7,5	7,1
Santa Catarina	-12,3	-4,9	-7,9	-8,4	5,6	4,1	5,9	5,2
Paraná	-12,2	-8,1	-6,1	-8,7	4,3	4,5	4,9	4,6
Pernambuco	-28,7	-25,5	-22,4	-25,7	14,1	-1,9	-0,8	4,2
Amazonas	-32,0	-26,2	-9,1	-22,5	9,0	7,3	-6,9	2,3
Rio de Janeiro	-17,5	-5,6	-9,6	-11,3	0,7	1,4	4,2	2,2
Rio Grande do Sul	-4,5	-4,5	-10,5	-6,8	-4,0	1,2	7,4	1,9
Espírito Santo	-5,1	6,0	-2,2	-0,5	15,4	-7,6	-1,9	1,6
Mato Grosso	2,2	23,1	8,4	11,0	13,7	-10,2	-0,3	0,4
São Paulo	-16,1	-12,4	-13,4	-13,9	1,2	-1,7	0,9	0,1
Minas Gerais	-15,5	-8,6	-6,0	-10,1	-1,4	-1,2	-1,4	-1,3
Ceará	-8,9	-9,7	-5,4	-8,0	0,2	-2,9	-3,8	-2,2
Pará	-7,7	-6,1	-14,9	-9,7	-4,7	-5,7	0,7	-3,3
Bahia	11,6	13,6	-6,5	5,0	-15,0	-4,1	-4,0	-8,0

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2017.

Resultados Setoriais

As atividades industriais continuaram a apresentar no primeiro trimestre de 2017 um desempenho heterogêneo, como observado nos períodos passados. Apesar das taxas positivas de crescimento não estarem disseminada entre todos os setores a ponto de recolocar o conjunto da indústria em rota de expansão, o aumento da produção já é experimentado por um número crescente de setores. No trimestre em análise, cinco das onze atividades pesquisadas apresentaram crescimento na comparação com igual período do ano anterior, quantidade superior ao observado no último trimestre de 2016, quando quatro setores cresceram.

Assim como no último quarto de 2016, atividades tradicionais e importantes para indústria cearense voltaram a registrar aumento nas quantidades produzidas no início do corrente ano. De fato, a Fabricação de Têxteis, com aumento de 16,2%, inaugurou seu terceiro trimestre seguido de expansão. De igual modo, o segmento de Couros e Calçados, importante gerador de empregos no interior do Estado, cresceu 9,6% no primeiro trimestre de 2017, alcançando quatro períodos seguidos de aumento na produção. A fabricação de Alimentos também experimentou mais um período de aumento na produção (4,5%), perfazendo três trimestres seguidos de expansão.

Nos casos acima, a recuperação parece estar associada não apenas a um movimento cíclico e natural da atividade depois de várias e seguidas quedas na produção. O atual momento de expansão parece estar consolidando uma retomada do crescimento, em um movimento favorecido por um quadro econômico mais favorável com o câmbio equilibrado em patamares favoráveis ao setor, redução da inflação e da taxa de juros, e melhora das expectativas quanto aos rumos da economia nacional.

Ainda entre as atividades que expandiram a produção, outros dois segmentos importantes voltaram a experimentar um ritmo positivo de crescimento depois de seguidos trimestre de retração. São eles, a fabricação de confecções, com alta de 1,9%, e o setor de metalurgia com aumento de 11,7% na quantidade produzida.

Contraopondo o quadro positivo, algumas atividades continuaram a reduzir a produção no início de 2017. Entre estas, destaque para o setor de bebidas, com redução de 16,0% na produção em relação ao início de 2016. A fabricação de bebidas é um segmento importante da indústria local e com os últimos números passa a acumular nove períodos seguidos de retração no ritmo de produção. Como destacado anteriormente, um período prolongado de queda na atividade pode trazer danos relevantes à estrutura produtiva, comprometendo uma retomada mais rápida e consistente.

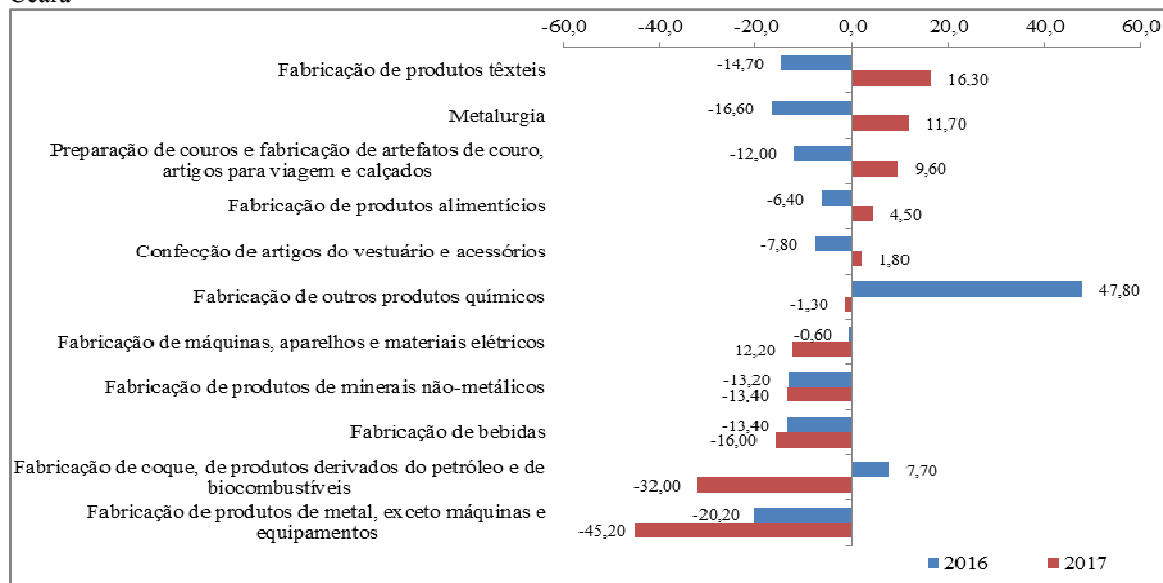
A Tabela 4.5, a seguir, apresenta os números para atividades industriais. O Gráfico 4.5, na sequência, compara a taxa de crescimento acumulada para 2016 e 2017.

Tabela 4.5: Variação Trimestral (%) da Produção Física por Atividades Industriais – Ceará – 2016 e 2017

Setores	Variação Trimestral (2016)				Variação Trimestral (2017)
	2016.I	2016.II	2016.III	2016.IV	2017.I
Indústrias de transformação	-8,0	-2,4	-3,2	-3,0	-2,2
Fabricação de produtos têxteis	-14,7	-3,5	12,7	32,5	16,2
Metalurgia	-16,6	-25,6	-33,1	-11,1	11,7
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	-11,9	3,0	1,0	3,5	9,6
Fabricação de produtos alimentícios	-6,4	0,0	4,0	1,8	4,5
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	-7,8	-16,2	-15,3	-3,6	1,9
Fabricação de outros produtos químicos	47,8	33,2	6,9	4,8	-1,3
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-0,7	3,8	-3,1	-0,3	-12,2
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	-13,2	-10,5	-14,6	-12,4	-13,4
Fabricação de bebidas	-13,4	-10,9	-10,9	-22,4	-16,0
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	7,8	27,3	25,9	-11,0	-32,0
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-20,1	-32,9	-48,3	-11,8	-45,2

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado por 2017.I.

Gráfico 4.5: Taxa de Crescimento Acumulada (%) da Produção Física por Atividades Industriais- 2016 e 2017 – Ceará

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2017.

4.3 Serviços

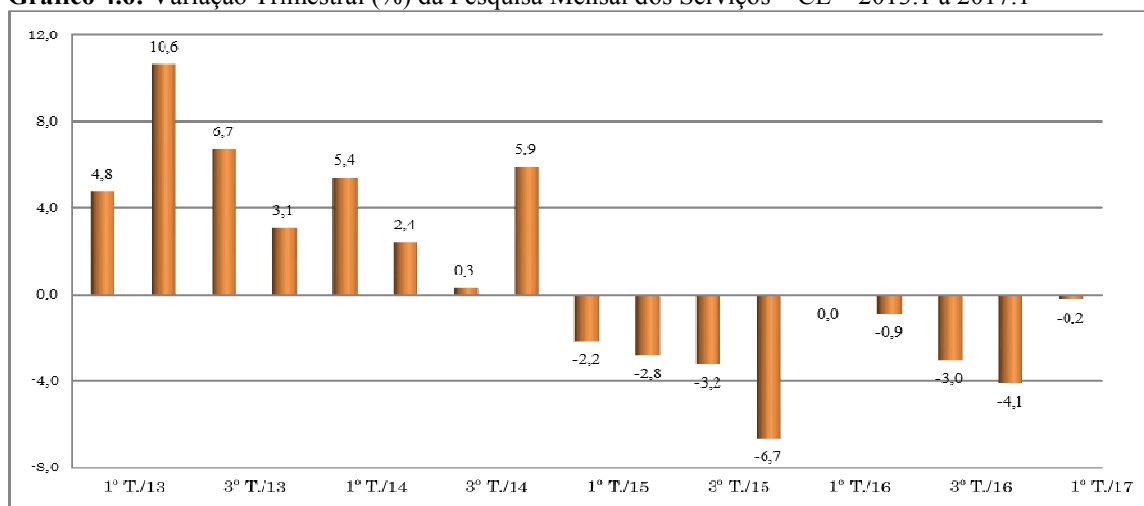
4.3.2. Pesquisa Mensal dos Serviços

No primeiro trimestre do ano, o setor de serviços registrou retração (-0,2%) comparado ao mesmo período de 2016, de acordo com o indicador da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE.

Considerando também a estagnação do primeiro trimestre de 2016 esse resultado se constitui no nono trimestre seguido de queda a partir de uma comparação trimestre com relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Não obstante esse quadro de queda continuada no setor, o leve recuo de 0,2 pode vir a indicar reversão do quadro depressivo, dada a base comparativa já claudicante. O Gráfico 4.6 apresenta os resultados das taxas trimestrais a partir do segundo trimestre de 2012, quando se deu início a Pesquisa Mensal dos Serviços (PMS).

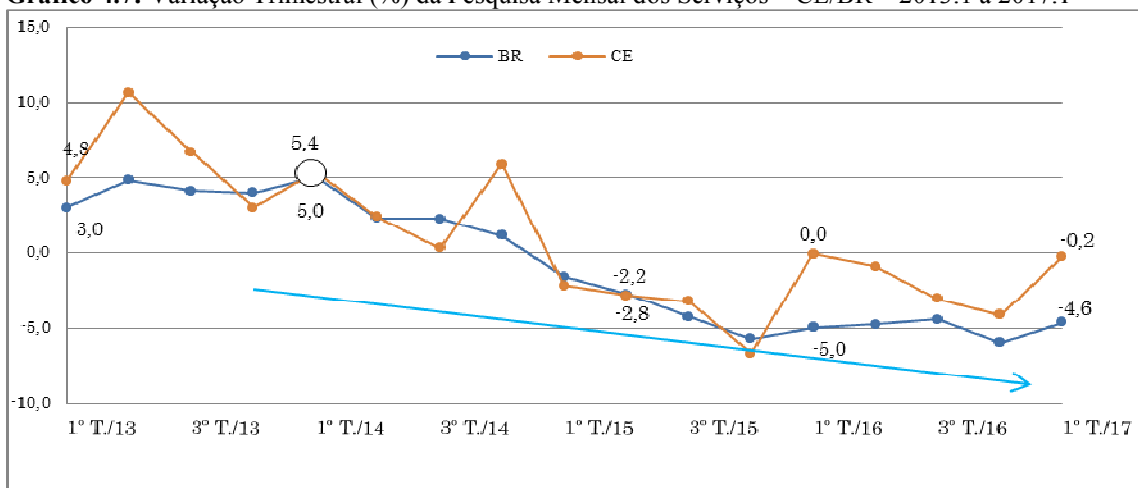
Gráfico 4.6: Variação Trimestral (%) da Pesquisa Mensal dos Serviços – CE – 2013.1 a 2017.1



Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

Desde o segundo trimestre de 2014, os indicadores de Ciclos Econômicos já sinalizava a entrada do país em uma recessão. Os dados do Gráfico 4.7 abaixo evidenciam que, de fato, os Serviços no agregado nacional já apresentavam claros sinais de desaceleração seguido de sucessivas quedas. O Gráfico replica as taxas trimestrais do Gráfico 3.1 adicionado às taxas trimestrais nacionais.

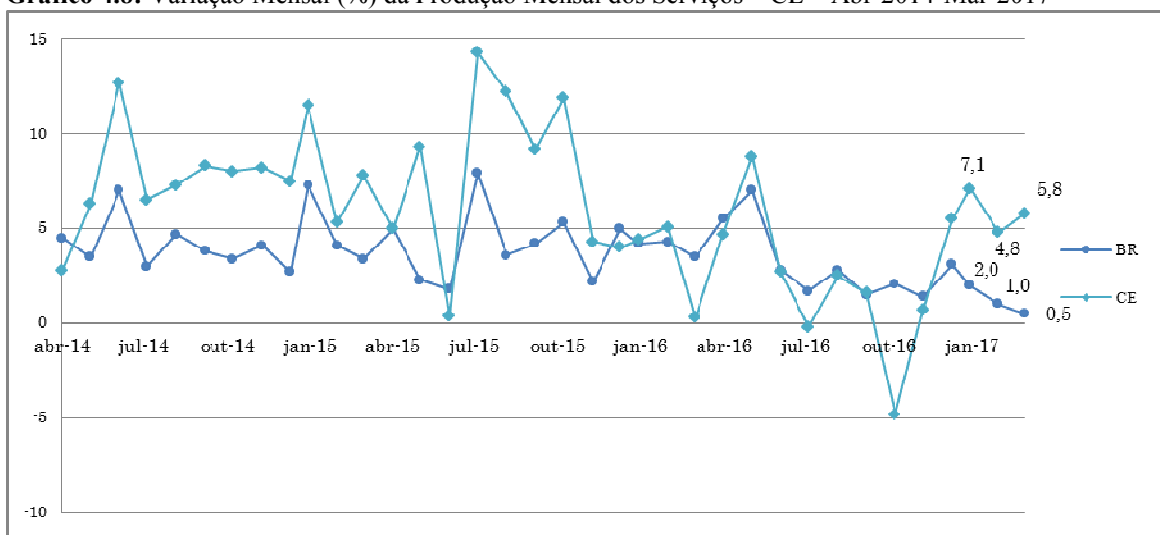
Gráfico 4.7: Variação Trimestral (%) da Pesquisa Mensal dos Serviços – CE/BR – 2013.1 a 2017.1



Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

Na avaliação mensal, seguindo essa mesma comparação com os mesmos meses do ano anterior, o período de janeiro a março mostra taxas positivas, embora decrescentes, tanto para o Brasil como para o Ceará, de acordo com o Gráfico 4.8 abaixo. As taxas mais elevadas no Ceará com relação ao Brasil sinalizam que o setor local tende a apresentar uma recuperação mais rápida nos próximos meses.

Gráfico 4.8: Variação Mensal (%) da Produção Mensal dos Serviços – CE – Abr-2014-Mar-2017



Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

Resultados Setoriais

A queda na produção do primeiro trimestre do ano de 2017 foi resultante de apenas um setor, dos cinco setores que acompanham o comportamento conjuntural do setor de serviços. Entre os meses de janeiro a março, apenas Serviços Profissionais, Administrativos e Complementares registraram uma expressiva queda de -6,9% em relação aos meses iniciais de

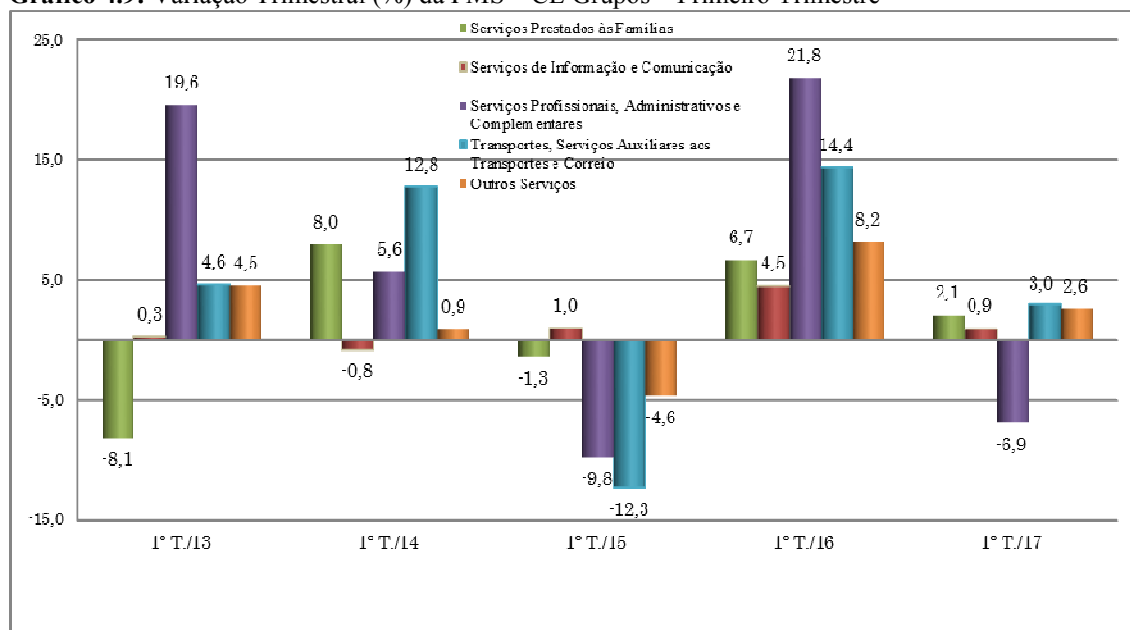
2016. Este Grupo tende a apresentar forte oscilação na medida em que no primeiro trimestre de 2016 com relação ao primeiro trimestre de 2015 houve expansão de 21,8%, enquanto que no primeiro trimestre de 2015 houve novamente forte retração de -9,8% com relação aos primeiros três meses de 2014.

Os demais grupos pesquisados apresentaram crescimento no seu volume ofertado, destacando que esse crescimento já é resultante de uma base de comparação alta, onde todos os setores haviam apresentado crescimento em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. Os dados do Gráfico 4.9 apresentam o desempenho dos cinco setores pesquisados.

Embora o quadro recessivo ainda permaneça considerando a baixa geração de emprego e a persistente taxa de desemprego, o controle da inflação neste ano ao manter o poder de compra dos consumidores vem permitindo a retomada da demanda de alguns serviços básicos, como os Serviços Prestados às Famílias, que cresceu 2,1% neste primeiro trimestre de 2017 com relação ao primeiro trimestre de 2016, tendo já crescido 6,7% no primeiro trimestre de 2016, com relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Outro Grupo que parece esboçar recuperação são os Transportes, Serviços Auxiliares aos Transportes e Correio. Neste primeiro trimestre de 2017 houve expansão de 3,0% com relação ao mesmo trimestre do ano anterior, e crescimento de 14,4% no primeiro trimestre de 2016 com relação ao primeiro trimestre de 2015. Assim como o Grupo de Transportes, Serviços Auxiliares aos Transportes e Correio, os Serviços de Informação e Comunicação também apresentaram expansão nos últimos dois trimestres de, respectivamente, de 0,9% e 4,5%.

Gráfico 4.9: Variação Trimestral (%) da PMS – CE Grupos – Primeiro Trimestre



Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

Embora o crescimento dos Serviços de Informação e Comunicação seja modesto quando comparado com os Serviços Prestados às Famílias e de Transportes, Serviços Auxiliares aos Transportes e Correio, sua tendência de expansão se mostra mais estável quando comparado aos demais. De fato, apenas no primeiro trimestre de 2014 com relação ao primeiro trimestre de 2013 houve leve recuo de 0,8%.

É importante ressaltar que com a recuperação da economia a tendência é que este Grupo dos Serviços venha a apresentar expansão em razão da produtividade que o segmento tende a alavancar na economia. Isso é o que a literatura delinea como Grupo Econômico de tecnologicamente progressivo na medida em que a expansão da sua produção é baseada em inovação.

O Grupo Outros Serviços, no qual estão inclusos alguns serviços auxiliares e serviços de saneamento, tem apresentado a mesma dinâmica dos Serviços Prestados às Famílias e Transportes, Serviços Auxiliares aos Transportes e Correio ao registrar crescimento nos dois últimos trimestres e recuo no anterior. Mais especificamente, Outros Serviços³ se expandiram 2,6% e 8,2% no primeiro trimestre de 2017 e no primeiro trimestre de 2016, respectivamente, com recuo de 12,3% no primeiro trimestre de 2015, todos comparados com relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Finalmente, o Gráfico 4.10 apresenta o Índice de Atividades Turísticas (IATUR), construído a partir de dez agrupamentos de atividades, de acordo com Quadro 4.2 a seguir.

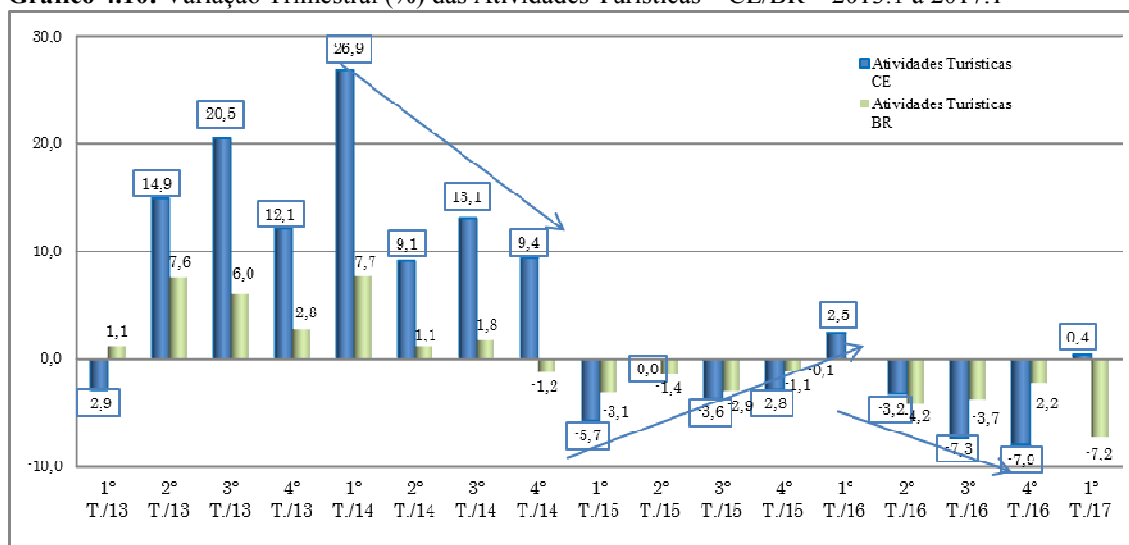
³ As outras Atividades de Serviços são: Serviços Auxiliares da Agricultura, Pecuária e Produção Florestal; Serviços Auxiliares Financeiros, dos Seguros e da Previdência Complementar; Esgoto, Coleta e Disposição de Resíduos e Recuperação de Materiais.

Quadro 4.2: Grupamentos do Índice de Atividades Turísticas – IATUR

Descrição	CNAE 2.0
Alojamento e Alimentação	Hotéis e Similares; Outros Tipos de Alojamento Não Especificados Anteriormente; Restaurantes e Outros Estabelecimentos de Serviços de Alimentação e Bebidas; Restaurantes e Outros Estabelecimentos de Serviços de Alimentação e Bebidas; Serviços Ambulantes de Alimentação; Serviços de <i>Catering</i> , Bufê e Outros Serviços de Comida Preparada.
Atividades Culturais e de Recreação e Lazer	Artes Cênicas, Espetáculos e Atividades Complementares; Criação Artística; Gestão de Espaços para Artes Cênicas, Espetáculos e Outras Atividades Artísticas; Atividades de Exploração de Jogos de Azar e Apostas; Parques de Diversão e Parques Temáticos; Atividades de Recreação e Lazer Não Especificadas Anteriormente.
Trens Turísticos, Teleféricos e Similares	Trens Turísticos, Teleféricos e Similares.
Transporte por Navegação Interior de Passageiros	Transporte por Navegação de Travessia.
Transporte Aéreo de Passageiros	Transporte Aéreo de Passageiros Regular; Transporte Aéreo de Passageiros Não Regular.
Transporte por Navegação de Travessia	Transporte por Navegação de Travessia.
Transportes Aquaviários Não Especificados	Transportes Aquaviários Não Especificados Anteriormente.
Locação de Automóveis Sem Condutor	Locação de Automóveis Sem Condutor.
Agências de Viagens e Operadoras Turísticas	Agências de Viagens, Operadores Turísticos e Serviços de Reservas e Outros Serviços de Turismo Não Especificados Anteriormente.
Transporte Rodoviário de Passageiros Intermunicipal, Interestadual e Internacional	Transporte Rodoviário Coletivo de Passageiros, sob Regime de Fretamento, e Outros Transportes Rodoviários Não Especificados Anteriormente.

Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

Como pode ser observado, as Atividades Turísticas do Ceará apresenta seguidas taxas de desempenho positivo até o último trimestre de 2014, tendo a partir de então seguidas quedas ao longo dos demais trimestres.

Gráfico 4.10: Variação Trimestral (%) das Atividades Turísticas – CE/BR – 2013.1 a 2017.1

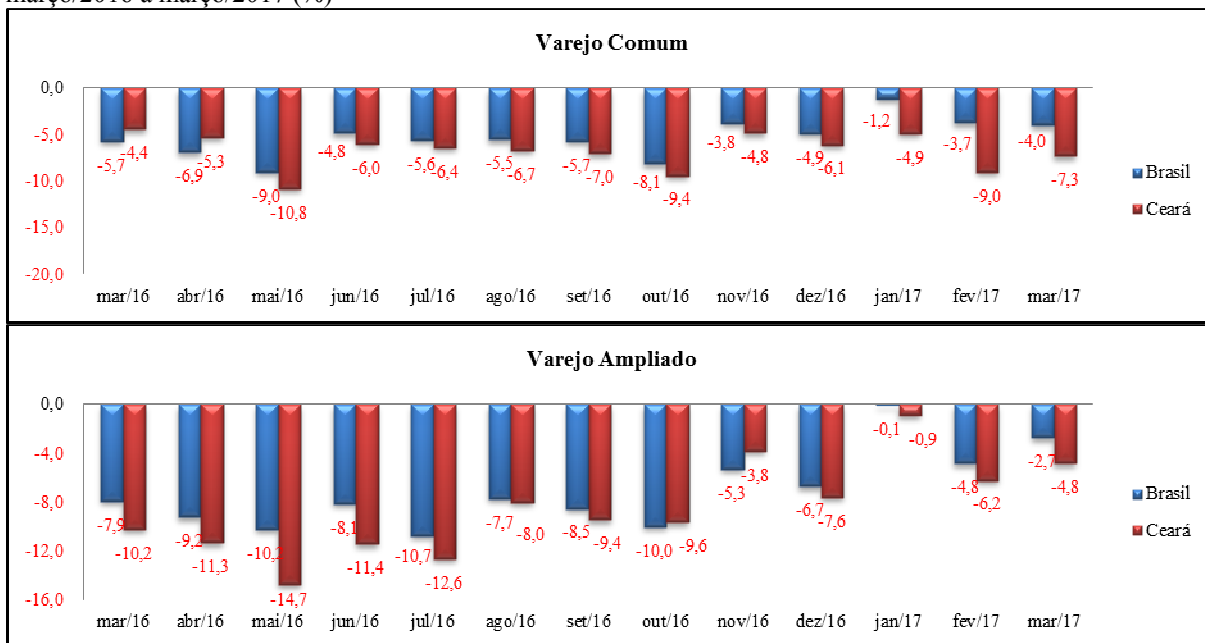
Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

Em que pese o desempenho de 2,5% no primeiro trimestre de 2016 com relação ao primeiro trimestre de 2015 e o leve desempenho de 0,4% no primeiro de 2017 com relação ao primeiro trimestre de 2016, o setor segue em retração em taxas cada vez maiores. De fato, no segundo, terceiro e quarto trimestre de 2016 o setor se retraiu a taxas cada vez maiores de 3,2%, 7,3% e 7,9%, respectivamente, todas com relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

4.3.1. Comércio Varejista

De acordo com os dados da PMC divulgada pelo IBGE na comparação de março de 2017 com março de 2016, a queda nas vendas do varejo comum cearense foi de 7,3%, segunda maior queda mensal do ano, tendo superado até o valor da retração nas vendas nacionais para o referido mês. Com a queda registrada em março último é possível notar um comportamento de persistência na retração das vendas do varejo comum local e nacional. Quanto às vendas do varejo ampliado, que incluem também as vendas de veículos e materiais de construção na composição do seu índice, também foi observada variação negativa para o mês de março, mas numa magnitude inferior comparada ao varejo comum. (Gráfico 4.11).

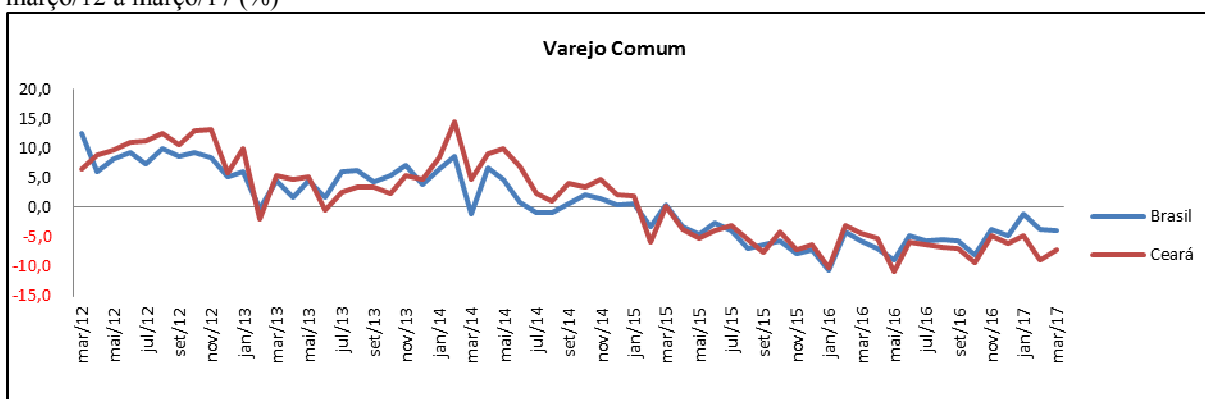
Gráfico 4.11: Variação mensal do volume de vendas do varejo comum e varejo ampliado – Brasil e Ceará – março/2016 a março/2017 (%)

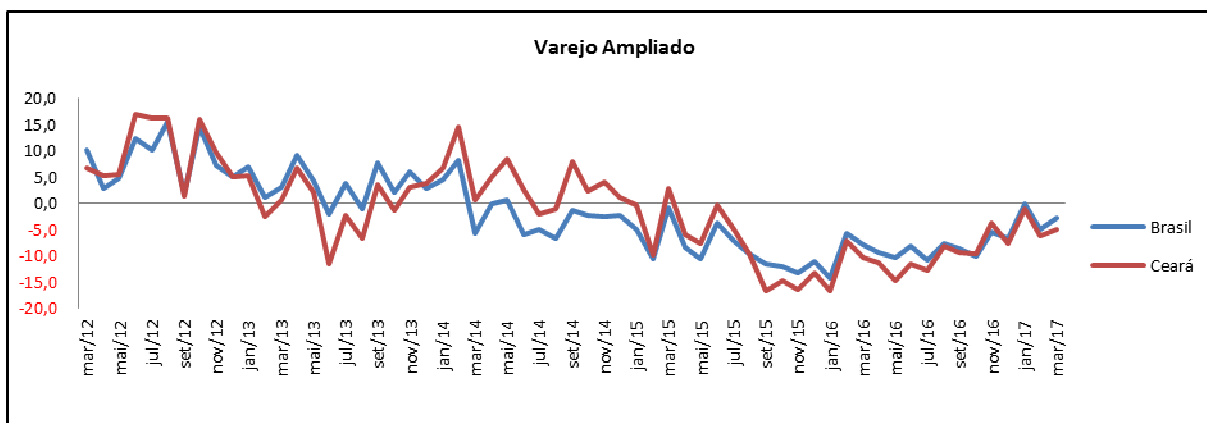


Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Pela análise do Gráfico 4.12 é possível conhecer a dinâmica das vendas mensais das vendas do varejo cearense e nacional nos últimos cinco anos. É fácil de observar que tanto o varejo comum quanto o varejo ampliado cearense e nacional vem apresentando quedas sucessivas desde abril de 2015, sendo que este último passou a registrar variação mais significativa em função da queda nas vendas de veículos e materiais de construção, principalmente no final de 2015 e início de 2016.

Gráfico 4.12: Variação mensal do volume de vendas do varejo comum e varejo ampliado – Brasil e Ceará – março/12 a março/17 (%)





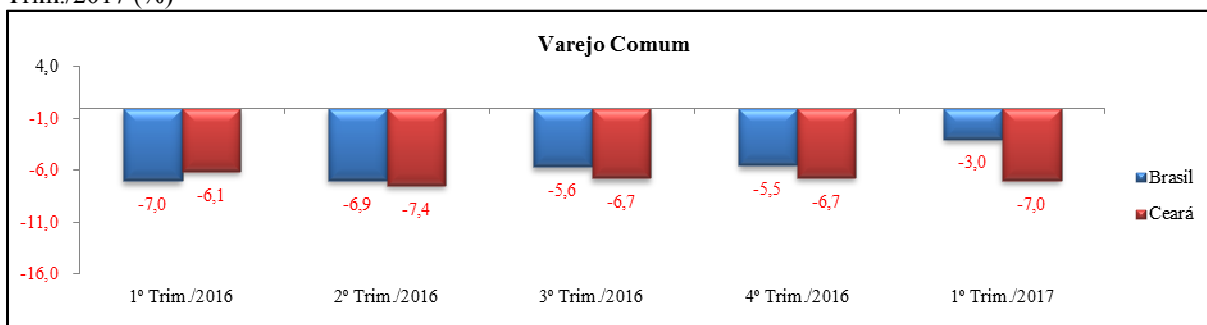
Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

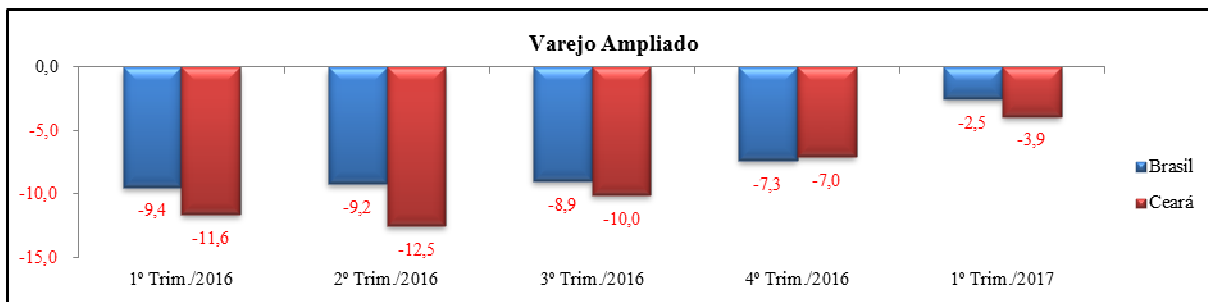
O reflexo direto do comportamento das vendas mensais pode ser observado pela dinâmica das vendas trimestrais que representam uma média da variação no acumulado de cada trimestre do ano comparado com o mesmo trimestre do ano anterior.

No Gráfico 4.13 abaixo, tem-se a dinâmica das vendas trimestrais no período que vai do 1º trimestre de 2016 até o 1º trimestre de 2017. Nota-se que no 1º trimestre de 2017 o varejo comum cearense registrou uma queda (-7,0%) mais que duas vezes superior à registrada pelo varejo nacional (-3,0%). Já o varejo ampliado cearense e nacional registraram queda de, respectivamente, 3,9% e 2,5%, com relação ao mesmo trimestre de 2016.

Nota-se que o varejo comum cearense apresentou um ritmo de piora de suas vendas ao apontar queda em 2017, superior à registrada em igual período de 2016, diferente do ocorrido no varejo nacional que revelou nítidos sinais de desaceleração do ritmo de queda nas vendas. Apesar da queda no varejo ampliado, essa foi bem menor que a observada um ano atrás tanto no varejo local e nacional.

Gráfico 4.13: Variação trimestral do volume de vendas do varejo comum – Brasil e Ceará – 1º Trim./2016 ao 1º Trim./2017 (%)

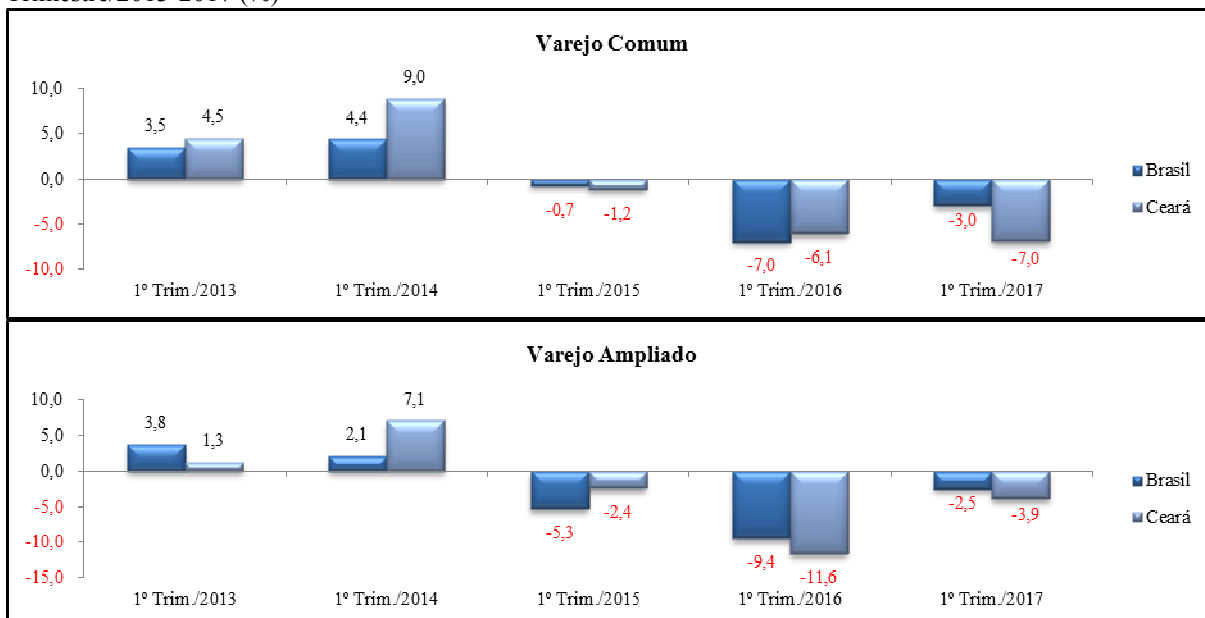




Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

No Gráfico 4.14 é possível observar o comportamento da variação do volume de vendas do comércio varejista comum e ampliado no acumulado do primeiro trimestre para os últimos cinco anos. Confirma-se pela análise do referido Gráfico que ocorreu uma intensificação no tamanho da queda nas vendas do varejo comum cearense diferindo da atenuação do nível da queda observada no varejo comum nacional. Com relação ao varejo ampliado, foram observados claros sinais de desaceleração do ritmo de queda nas vendas tanto no país quanto no estado do Ceará devido à desaceleração no ritmo de queda nas vendas de veículos e elevação nas vendas de materiais de construção. Por fim, merece destaque o fato do varejo nacional e cearense apresentarem queda nas vendas pelo terceiro ano consecutivo.

Gráfico 4.14: Variação trimestral do volume de vendas do varejo comum e varejo ampliado – Brasil e Ceará – 1º Trimestre/2013-2017 (%)



Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Análise do Comércio Varejista por Atividades

Pela análise da Tabela 4.6 é possível analisar a variação do volume de vendas do varejo nacional por atividades para o acumulado do ano até o 1º trimestre dos anos de 2013 a 2017. Das treze atividades observadas, quatro apresentaram variação positiva: Tecidos, vestuário e calçados (+4,7%); Material de construção (+4,2%); Móveis e eletrodomésticos (+3,0%); e Eletrodomésticos (+0,6%).

Por outro lado, as maiores quedas foram observadas nas vendas de Móveis (-23,5%); Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (-11,2%); Veículos, motocicletas, partes e peças (-8,1%); Combustíveis e lubrificantes (-5,6%); Outros artigos de uso pessoal e doméstico (-5,3%); Livros, jornais, revistas e papelaria (-5,0%); Hipermercados e supermercados (-3,2%); Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (-3,1%); e Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (-2,9%).

Tabela 4.6: Variação trimestral do volume de vendas do varejo por atividades – Brasil – 1º Trimestre/2013 ao 1º Trimestre/2017 (%)

Atividades	2013	2014	2015	2016	2017
Tecidos, vestuário e calçados	4,0	0,4	-3,0	-13,3	4,7
Material de construção	5,0	7,1	-4,3	-14,8	4,2
Móveis e eletrodomésticos	1,5	6,5	-6,7	-17,0	3,0
Eletrodomésticos	4,0	6,6	-5,0	-19,1	0,6
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	7,3	12,6	5,8	2,5	-2,9
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	1,8	2,6	-1,3	-2,8	-3,1
Hipermercados e supermercados	1,8	2,4	-1,2	-2,8	-3,2
Livros, jornais, revistas e papelaria	5,2	-3,7	-7,8	-14,9	-5,0
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	11,9	7,4	7,7	-12,8	-5,3
Combustíveis e lubrificantes	3,8	8,1	-4,0	-9,5	-5,6
Veículos, motocicletas, partes e peças	4,1	-3,7	-14,8	-13,5	-8,1
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	3,6	-0,7	16,9	-16,7	-11,2
Móveis	-4,9	8,3	-10,3	-12,1	-23,5

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE. Ordenado pelo 1º Trimestre de 2017.

Por sua vez, a Tabela 4.7 apresenta a variação do volume de vendas do varejo cearense por atividade para o acumulado do ano até o 1º trimestre dos anos de 2013 a 2017.

Pode-se observar que ocorreu aumento nas vendas em quatro atividades: Material de construção (+19,7%); Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (+18,2%); Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (+6,5%); e Outros artigos de uso pessoal e doméstico (+0,8%).

Tabela 4.7: Variação trimestral do volume de vendas do varejo por atividades – Ceará – 1º Trimestre/2013 ao 1º Trimestre/2017 (%)

Atividades	2013	2014	2015	2016	2017
Material de construção	1,9	4,4	6,6	-26,0	19,7
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-15,5	23,8	-25,1	-23,6	18,2
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	21,7	2,5	10,5	-0,4	6,5
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-2,5	21,8	5,4	-15,4	0,8
Tecidos, vestuário e calçados	4,1	12,0	7,4	-0,9	-1,2
Veículos, motocicletas, partes e peças	-5,5	3,9	-7,5	-21,2	-3,1
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	2,5	3,3	-4,4	-2,1	-4,8
Hipermercados e supermercados	2,4	3,7	-4,2	-1,3	-11,4
Eletrodomésticos	-0,6	13,7	-4,5	-20,2	-19,3
Combustíveis e lubrificantes	19,1	13,0	-1,1	-5,4	-21,5
Móveis e eletrodomésticos	3,1	17,7	-1,7	-14,2	-22,6
Livros, jornais, revistas e papelaria	-1,6	-1,5	-13,5	-28,3	-30,3
Móveis	11,7	23,1	3,0	-4,6	-39,3

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração IPECE. Ordenado pelo 1º Trimestre de 2017.

Por outro lado, as maiores baixas foram observadas nas vendas de Móveis (-39,3%); Livros, jornais, revistas e papelaria (-30,3%); Móveis e eletrodomésticos (-22,6%); Combustíveis e lubrificantes (-21,5%); Eletrodomésticos (-19,3%); Hipermercados e supermercados (-11,4%); Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (-4,8%); Veículos, motocicletas, partes e peças (-3,1%); e Tecidos, vestuário e calçados (-1,2%).

Pela análise das atividades é possível concluir que algumas delas apresentaram uma significativa melhora quando passaram a registrar variações positivas no acumulado dos três primeiros meses do ano de 2017.

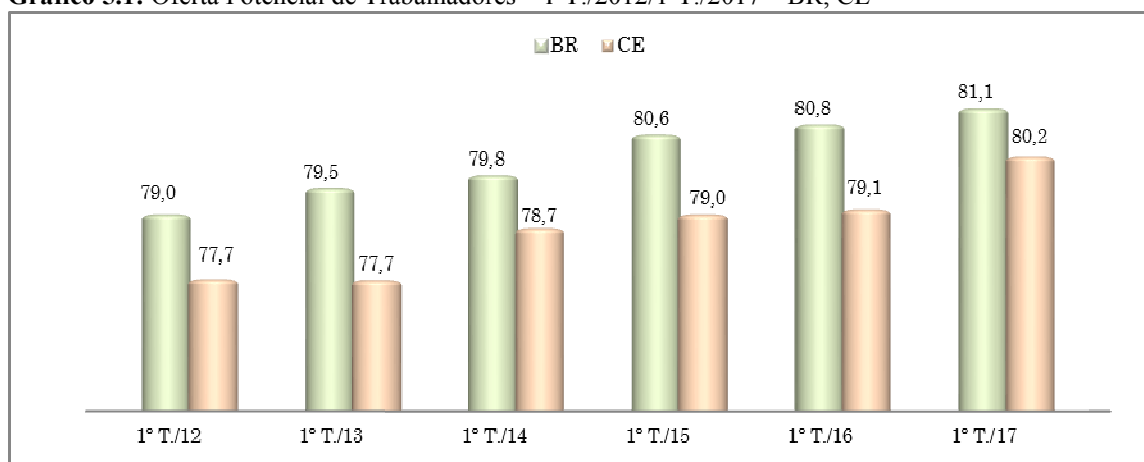
5 MERCADO DE TRABALHO

5.1 Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Ceará

Esta seção descreve o Mercado de Trabalho do Ceará a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNADC), publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

De acordo com o Gráfico 5.1 a Oferta Potencial de Trabalhadores do Estado evidencia que o Ceará ainda encontra-se na etapa do Bônus Demográfico na medida em que a População em Idade de Trabalho (PIT) expande-se mais rapidamente que a População Total (PT). As estimativas do IBGE mostram que esse processo também ocorre no Brasil, tendo o Ceará a percorrer uma fase maior desse processo.

Gráfico 5.1: Oferta Potencial de Trabalhadores – 1ºT./2012/1ºT./2017 – BR, CE



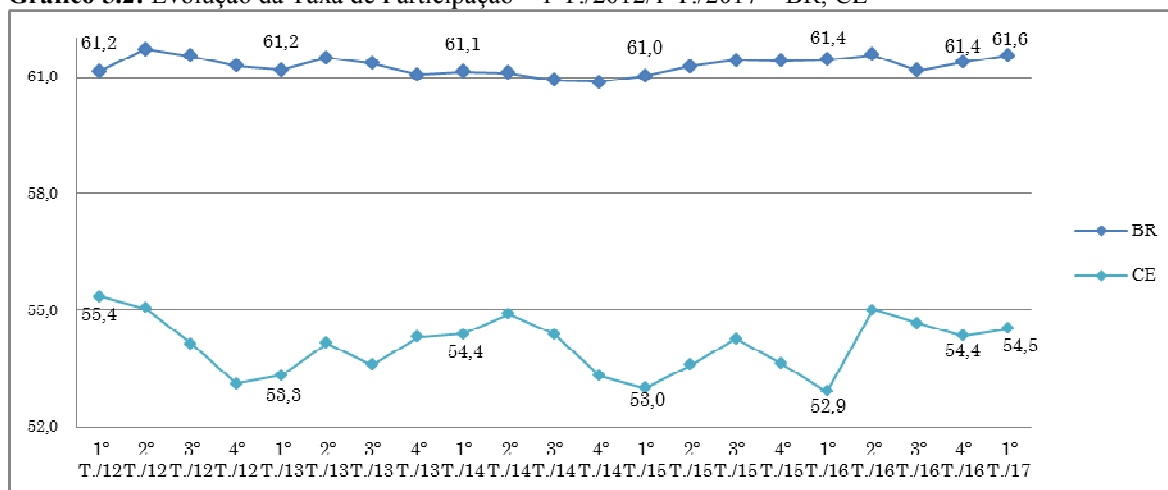
Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC). Elaboração: IPECE.

Do primeiro trimestre de 2016 ao primeiro de 2017 a expansão da Oferta Potencial de trabalhadores do Ceará foi de 79,1% para o 80,2% (crescimento de 1,1 pontos percentuais (p.p.)). Adicionalmente, destaca-se que neste primeiro trimestre de 2017 a Oferta Potencial de trabalhadores nacionais esteve 0,9 p.p. acima do Ceará (portanto, quase 1 ponto percentual acima do Estado).

O Gráfico 5.2 apresenta a evolução da Taxa de Participação (TP), também denominada de Taxa de Atividade, indicador que mede a Efetiva Oferta de Trabalhadores em relação ao contingente populacional que estar apta a trabalhar – razão entre a Força de Trabalho (FT) e a População em Idade de Trabalho (PIT).

Destacam-se três características importantes. Em primeiro lugar, a atividade do Brasil varia de forma marginal ao longo da série histórica, mantendo-se praticamente estável desde o primeiro trimestre de 2012 (61,2%) ao primeiro trimestre de 2017 (61,6%).

Gráfico 5.2: Evolução da Taxa de Participação – 1ºT./2012/1ºT./2017 – BR, CE



Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC). Elaboração: IPECE.

No Ceará, oscilações também marginais têm provocado leves alterações na Taxa de Atividade. De forma mais específica, do primeiro trimestre de 2012 ao primeiro trimestre de 2017 a TP do Ceará variou de 55,4% para 54,5% (queda de 0,9 p.p.), enquanto que no intervalo de um ano – 1ºT de 2016 ao 1ºT de 2017 – ela saltou de 52,9% para 54,5% (elevação de 1,6 pontos percentuais).

Finalmente, destaca-se a existência de um *gap* entre a atividade nacional e a do Ceará. Neste primeiro trimestre de 2017, essa diferença encontra-se em 7,1 p.p. Embora seja mais alta que no início da série histórica, ela se reduziu substancialmente com relação ao primeiro trimestre de 2016, quando a diferença se situou em 8,5 p.p.

Dos 7,1 p.p., desconta-se 0,9 p.p. em razão da maior Oferta Potencial de Trabalhadores nacionais, já que o país atravessa mais rapidamente a fase do Bônus Demográfico. Os restantes 6,2 pontos percentuais do diferencial podem ser explicados por questões relacionadas às especificidades do Mercado de Trabalho cearense.

De fato, benefícios assistenciais e previdenciários aliados a um menor custo de vida local pode estimular trabalhadores a deixar a Força de Trabalho contribuindo para uma menor Taxa de Participação do Estado. Adicionalmente, algumas pessoas podem se retirar da Força de Trabalho para se dedicarem com mais afinco aos estudos ou mesmo algum tipo de treinamento técnico profissional. É possível também que esse contingente de trabalhadores estejam ocupados em subempregos exercendo algum tipo de trabalho precário e não

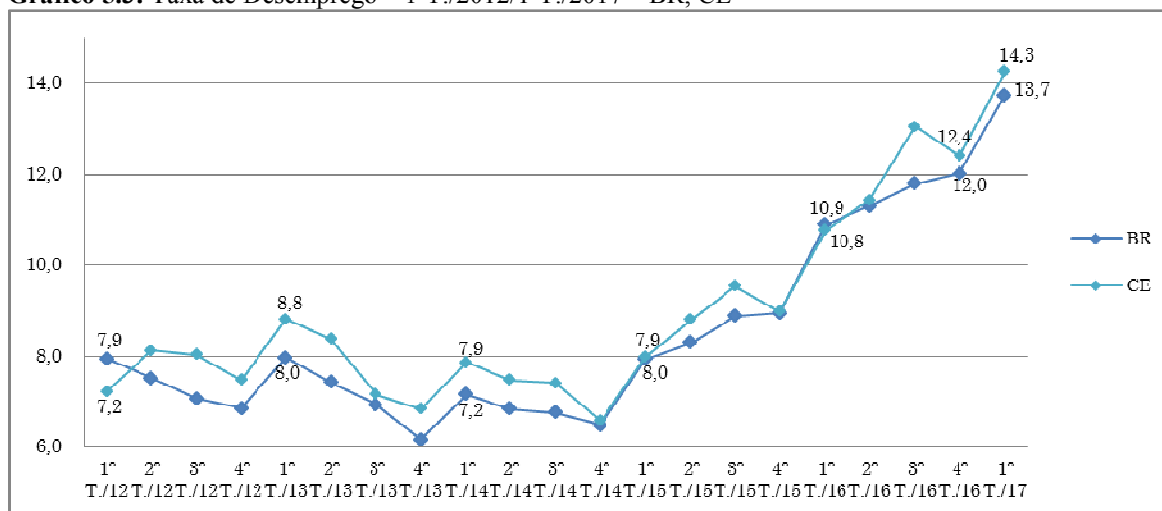
exercendo atividades de busca por emprego sendo, portanto, não classificados na Força de Trabalho.

O Gráfico 5.3 apresenta a Taxa de Desemprego (TD), também denominada de Taxa de Desocupação. É um indicador que mede uma pressão direta sobre o Mercado de Trabalho de pessoas sem trabalho, que procuraram trabalho e estão disponíveis para começar a trabalhar imediatamente.

O Desemprego é resultante de aspectos estruturais, friccionais e até mesmo sazonais, mas também é reflexo do quadro conjuntural da economia, como no período atual, no qual a economia nacional vivencia um dos períodos de maior recessão de sua história econômica.

No Gráfico 5.3 é observada uma elevação do desemprego na virada do 4ºT de 2014 para o 1ºT de 2015, embora indicadores de queda da atividade econômica já dessem sinais do surgimento de uma recessão no segundo trimestre de 2014, de acordo com o Comitê de Datação de Ciclos Econômicos (CODACE), da Fundação Getúlio Vargas.

Gráfico 5.3: Taxa de Desemprego – 1ºT./2012/1ºT./2017 – BR, CE



Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC). Elaboração: IPECE.

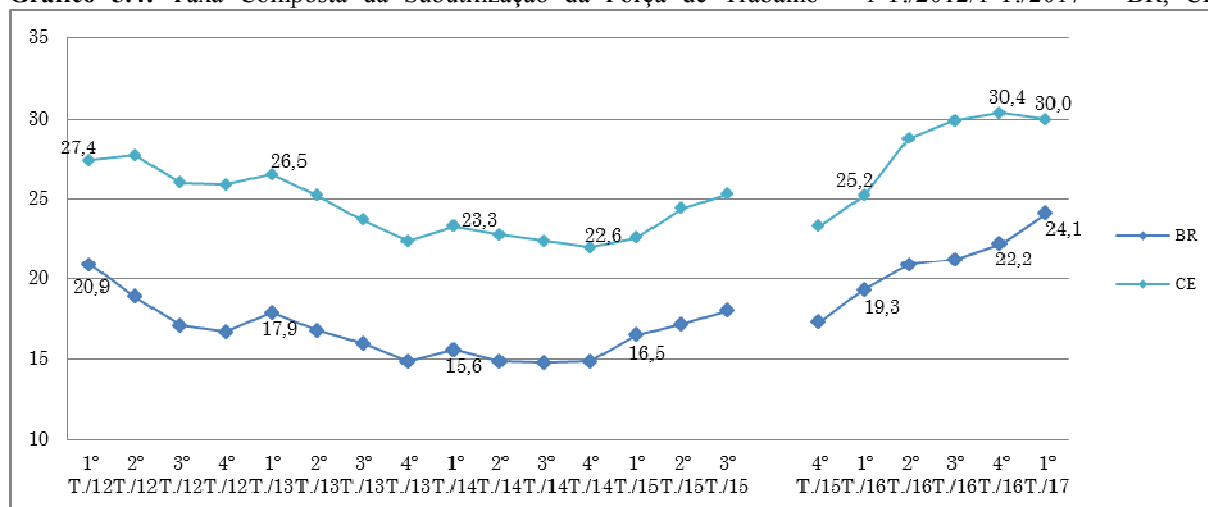
É comum haver defasagens de um ou dois trimestres entre a queda da atividade econômica e a elevação do desemprego em razão da existência de custos de demissão e treinamento de novos empregados. Por conta disso, mesmo diante de um quadro recessivo as empresas relutam em demitir, reduzindo, inicialmente, o ritmo de produção ou optando pela suspensão temporária do contrato de trabalho via *lay-off*.

Não obstante duas inflexões, uma na passagem do terceiro trimestre de 2015 para o quarto trimestre 2015, e outra do terceiro trimestre de 2016 para o quarto trimestre de 2016, ambas

por fatores sazonais, a Taxa de Desocupação do Ceará saltou em dois anos de 7,9% para 14,3% (1ºT de 2015 ao 1ºT de 2017).

Por sua vez, o Gráfico 5.4⁴ apresenta a Taxa Composta da Subutilização da Força de Trabalho⁵, *proxy* para o Desemprego Oculto. Observa-se que existe uma diferença de 5,9 pontos percentuais entre a Taxa Composta da Subutilização da Força de Trabalho do Ceará e do Brasil. Dado que a diferença da Taxa de Desocupação entre as duas áreas é de 0,6 ponto percentual a evidencia disponível é que uma parcela significativa de trabalhadores cearenses com relação ao Brasil estão ocupados em trabalho precário.

Gráfico 5.4: Taxa Composta da Subutilização da Força de Trabalho – 1ºT./2012/1ºT./2017 – BR, CE



Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC). Elaboração: IPECE.

5.2. Emprego Formal

Segundo dados do CAGED disponibilizados pelo MTE o Brasil registrou um fechamento de 63.433 postos de trabalho com carteira assinada no mês de março de 2017, a maior perda de postos de trabalho registrada no ano. Vale notar que, em março de 2016, o país havia fechado um número maior de vagas de trabalho nesta mesma categoria, totalizando 114.522 postos de trabalho. (Gráfico 5.5).

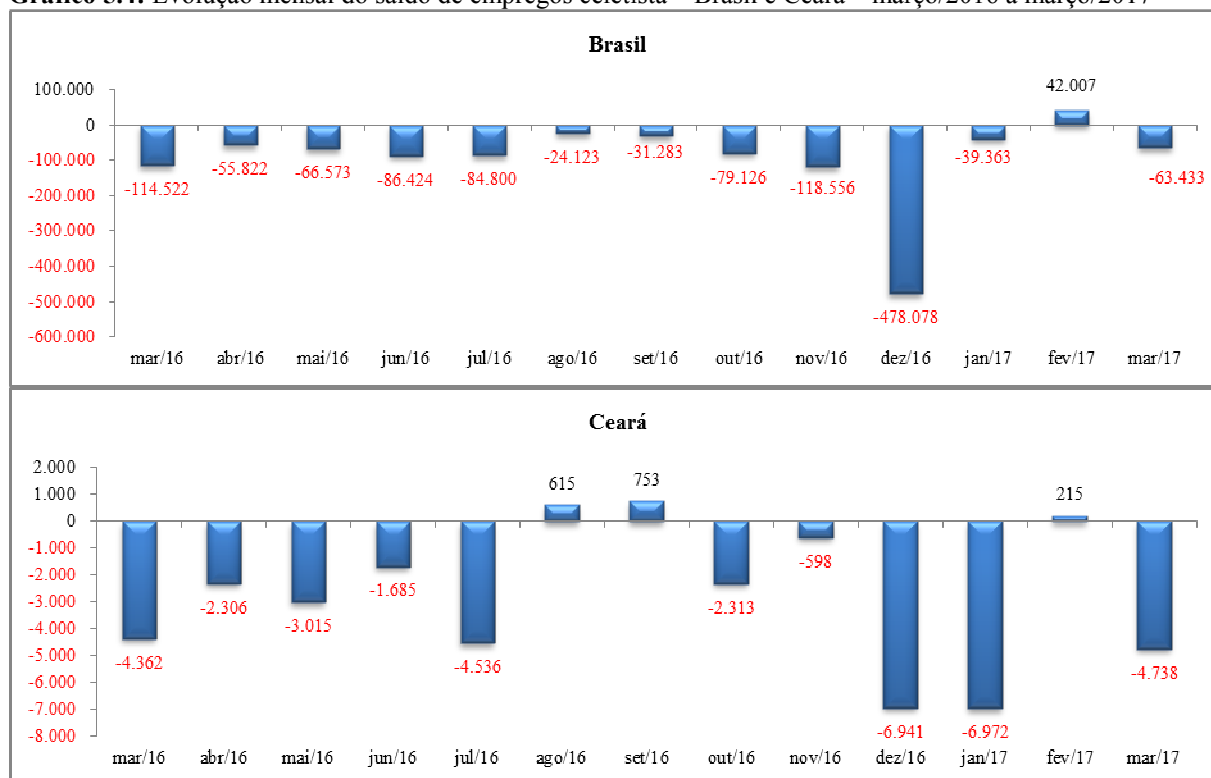
O Estado do Ceará também apresentou fechamento de postos de trabalho no mês de março ajustado dentro e fora do prazo (-4.738 vagas), inferior ao registrado em janeiro de 2017 (-6.941

⁴ A descontinuidade no Gráfico 5.4 da Taxa Composta da Subutilização da Força de Trabalho a partir do quarto trimestre de 2015 ocorre porque o IBGE passou a adotar as horas habitualmente trabalhadas ao contrário das horas efetivamente trabalhadas no cálculo da insuficiência de horas trabalhadas a partir desse período.

⁵ A Taxa Composta da Subutilização da Força de Trabalho é dada pela relação dos Subocupados por Insuficiência de Horas Trabalhadas adicionados aos Desocupados e a Força de Trabalho Potencial sobre a Força de Trabalho Ampliada. É um indicador geral da necessidade não satisfeita de trabalho na população. Nesses termos, representa o percentual da população com interesse no mercado de trabalho que expressa ter uma quantidade insuficiente de trabalho, seja em termos de Oferta de Postos de Trabalho, seja em termos de Insuficiência de Horas Trabalhadas.

vagas), mas superior ao registrado em março de 2016 (-4.362 vagas), revelando dessa forma ainda uma nítida destruição de vínculos trabalhistas com carteira assinada. (Gráfico 5.4).

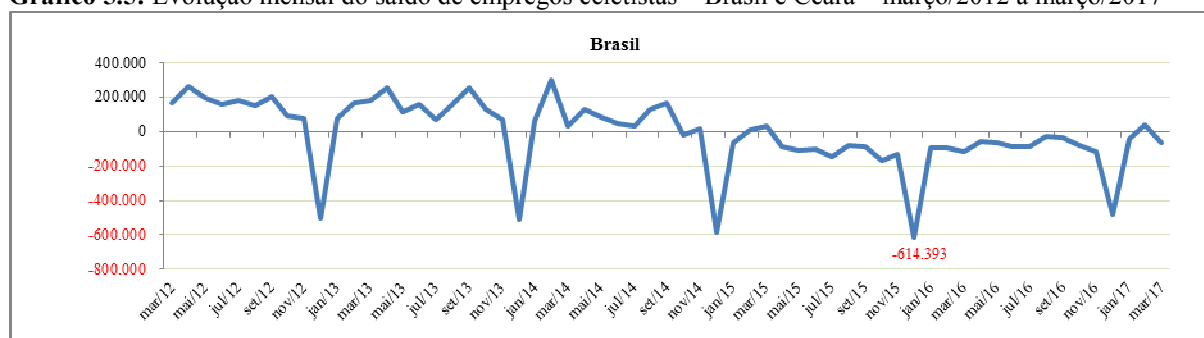
Gráfico 5.4: Evolução mensal do saldo de empregos celetista – Brasil e Ceará – março/2016 a março/2017

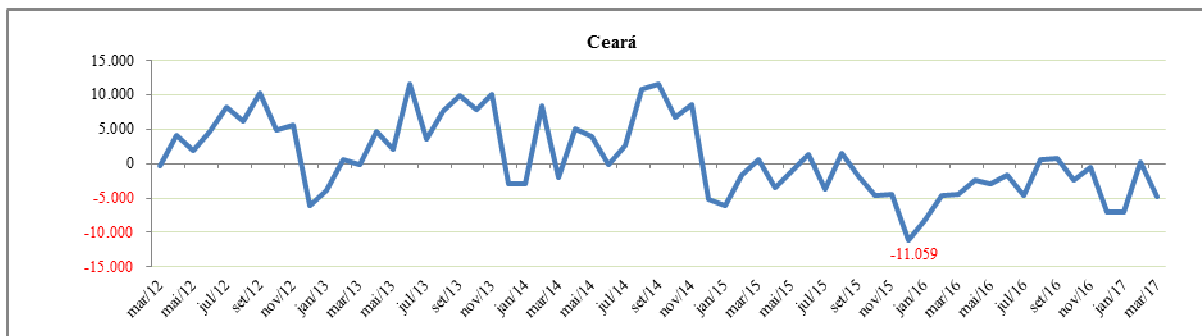


Fonte: CAGED/MTE. Elaboração IPECE. Registros dentro e fora do prazo atualizados em 24/05/2017.

Já o Gráfico 5.5 a seguir apresenta a evolução mensal do saldo de empregos celetistas para o mercado de trabalho brasileiro e cearense considerando um período de cinco anos (março de 2012 a março de 2017). Neste gráfico o comportamento sazonal mensal do saldo resultante do confronto da criação com a destruição de postos de trabalho com carteira assinada é mais perceptível.

Gráfico 5.5: Evolução mensal do saldo de empregos celetistas – Brasil e Ceará – março/2012 a março/2017





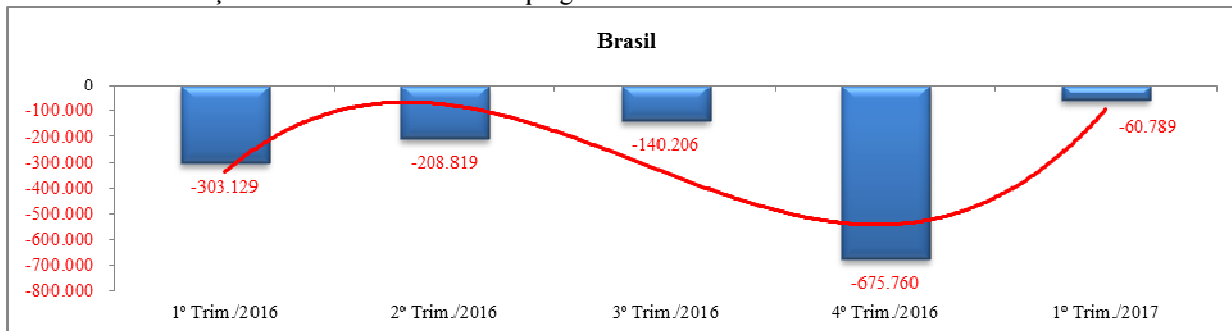
Fonte: CAGED/MTE. Elaboração IPECE. Registros dentro e fora do prazo atualizados em 24/05/2017.

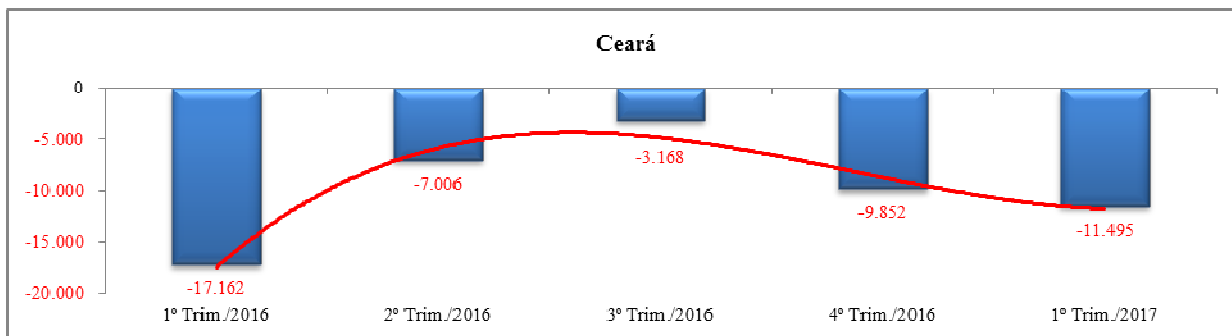
Pela análise dos gráficos acima pode-se concluir que saldos positivos de empregos ocorriam dentro de um determinado padrão ano após ano, e que nos últimos dois anos tal padrão parece ter sido quebrado, quando em meses que normalmente se tinha saldos positivos de empregos passaram a registrar saldos negativos recorrentemente.

Apresenta-se no Gráfico 5.5 a seguir a evolução trimestral do saldo de empregos com carteira assinada nacional e cearense ao longo do ano de 2016 e início de 2017. Como resultado da dinâmica mensal da geração e destruição de postos de trabalho celetistas observa-se que o fechamento de vagas de trabalho no Brasil deu-se de modo crescente ao longo do ano de 2016, alcançando a maior marca no último trimestre de 2016, com saldo negativo bastante expressivo de 675.760 vagas. No primeiro trimestre de 2017 foi registrado um saldo negativo acumulado de 60.789 vagas, muito inferior ao registrado no primeiro trimestre de 2016 (-303.129 vagas), revelando de certo modo uma redução no comportamento da destruição de empregos com carteira assinada no país.

No estado do Ceará, a maior perda de postos de trabalho foi observada no início do ano de 2016 (-17.162 vagas). No primeiro trimestre de 2017 observa-se uma menor destruição de vagas igual a 11.495 postos.

Gráfico 5.5: Evolução trimestral do saldo de empregos celetistas – Brasil e Ceará – 1º Trim./2016 ao 1º Trim./2017

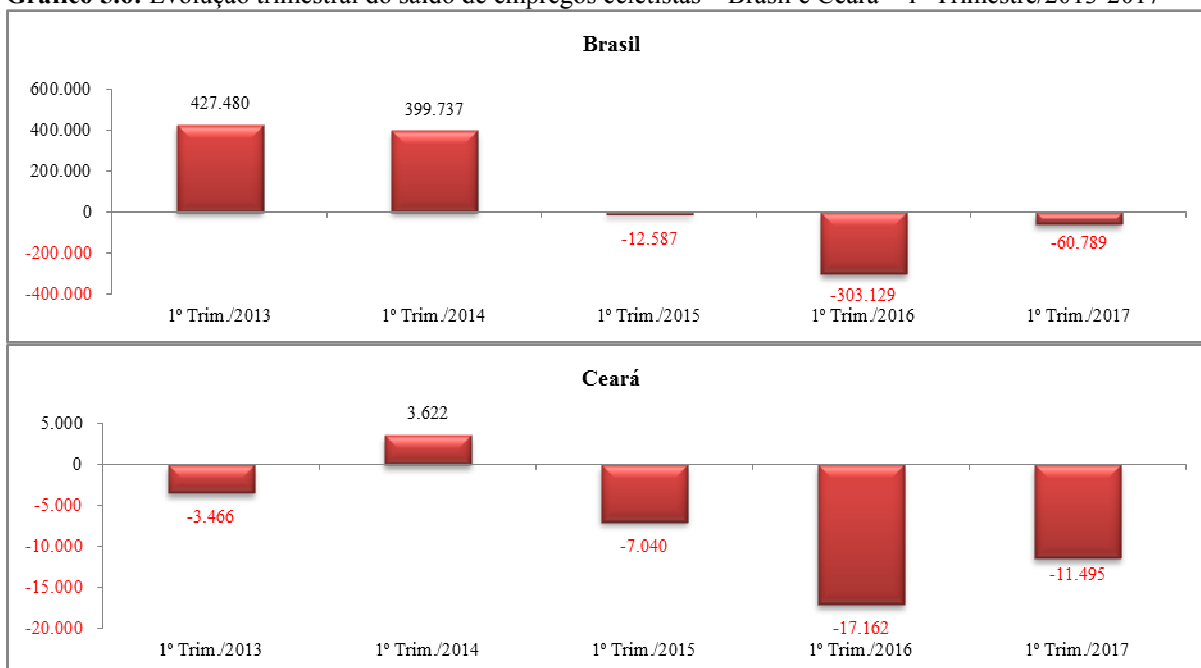




Fonte: CAGED/MTE. Elaboração IPECE. Registros dentro e fora do prazo atualizados em 24/05/2017.

No Gráfico 5.6 abaixo é possível observar a evolução do saldo de empregos celetistas brasileiro e cearense para o primeiro trimestre dos últimos cinco anos. Nota-se que o maior fechamento de postos de trabalho celetista brasileiro ocorreu no primeiro trimestre do ano de 2016 (-303.129 vagas) e que a segunda pior marca foi registrada no primeiro trimestre do ano de 2017 (-60.789 vagas). Nota-se que é corrente o fechamento de vagas no primeiro trimestre de cada ano no estado do Ceará. Vale destacar que o Ceará também apresentou sua pior marca no primeiro trimestre de 2016 (-17.162 vagas) e o segundo pior resultado no primeiro trimestre de 2017 (-11.495 vagas).

Gráfico 5.6: Evolução trimestral do saldo de empregos celetistas – Brasil e Ceará – 1º Trimestre/2013-2017



Fonte: CAGED/MTE. Elaboração IPECE. Registros dentro e fora do prazo atualizados em 24/05/2017.

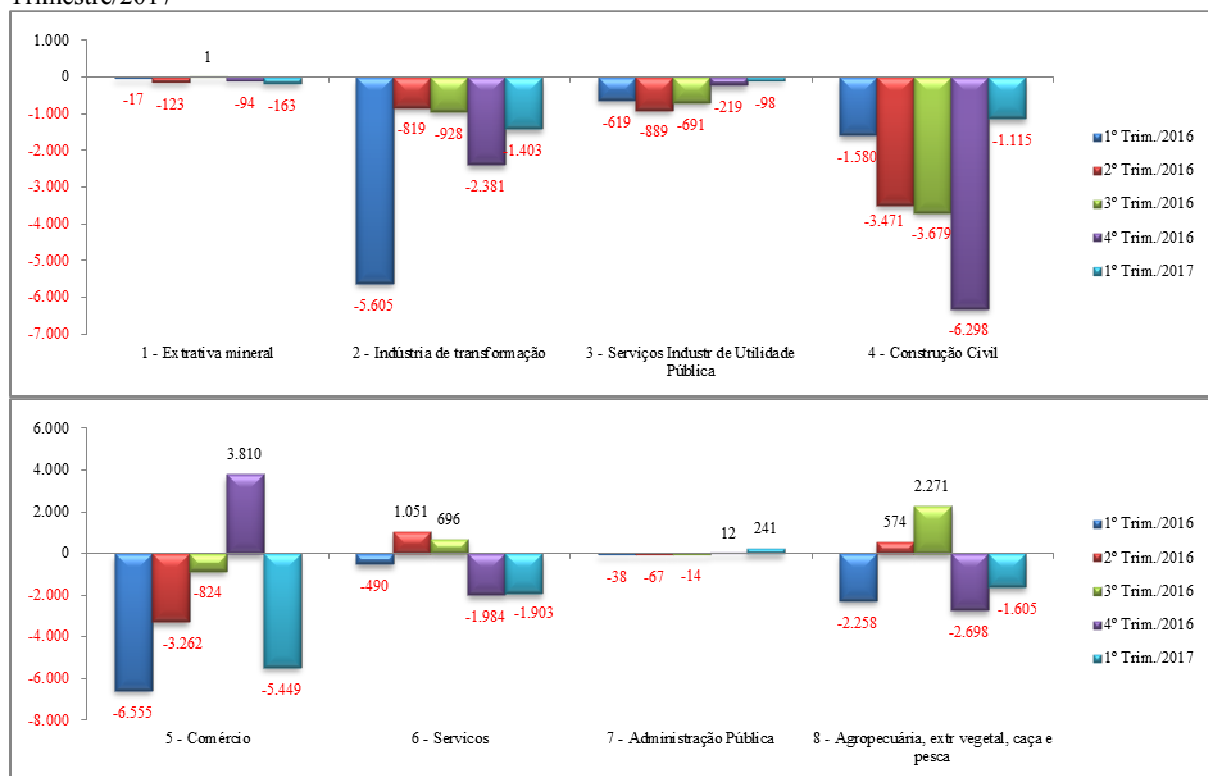
Análise dos Empregos Celetistas por Atividades

Através do Gráfico 5.7 é possível observar a evolução do saldo mensal de empregos com carteira assinada dessas atividades para o período compreendido entre o 1º trimestre de 2016 ao 1º trimestre de 2017.

Nota-se que das oito atividades estudadas apenas a Administração Pública apresentou saldo positivo de empregos celetistas de 241 vagas no primeiro trimestre de 2017. A maior destruição de postos de trabalho ocorreu na atividade de Comércio (-5.449 vagas), seguida por Serviços (-1.903 vagas); Agropecuária, extrativa vegetal, caça e pesca (-1.605 vagas); Indústria de Transformação (-1.403 vagas); Construção Civil (-1.115 vagas); Indústria Extrativa Mineral (-163 vagas); e Serviços Industriais de Utilidade Pública (-98 vagas).

Na comparação com o primeiro trimestre do ano de 2016, cinco das oito atividades pesquisadas apresentaram certa melhora com saldo negativo de empregos inferior: Indústria de Transformação; Serviços Industriais de Utilidade Pública; Construção Civil; Serviços; e Agropecuária, Extrativa vegetal, caça e pesca. Diante o exposto é possível concluir que está havendo uma desaceleração no ritmo de destruição de postos de trabalho com carteira assinada no estado do Ceará.

Gráfico 5.7: Evolução trimestral do saldo de empregos celetistas por setores – Ceará – 1º Trimestre/2016 ao 1º Trimestre/2017



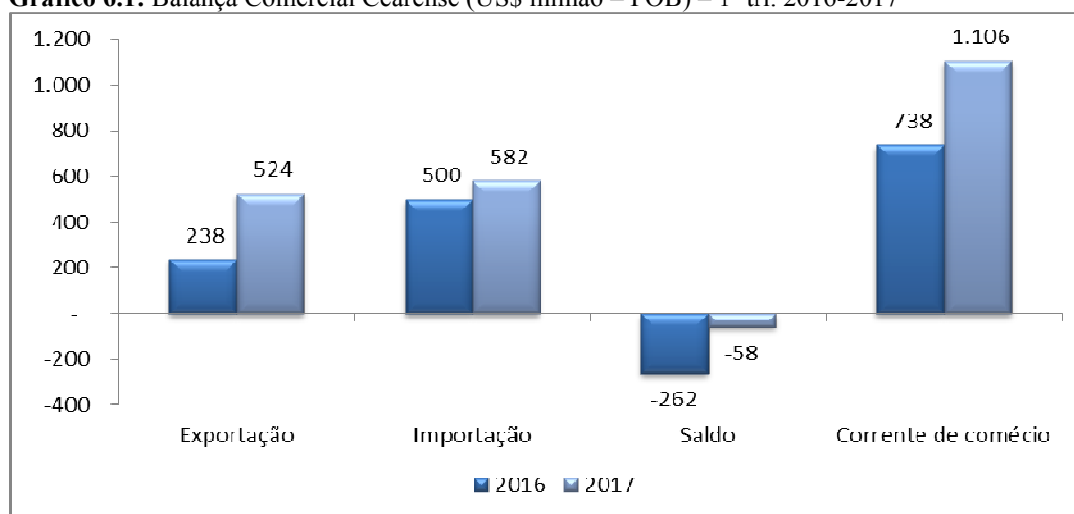
Fonte: CAGED/MTE. Elaboração IPECE. Registros dentro e fora do prazo atualizados em 24/05/2017.

6 COMÉRCIO EXTERIOR

As transações comerciais externas do Ceará no primeiro trimestre de 2017 apresentaram desempenho superior comparado ao primeiro trimestre de 2016. As exportações registraram crescimento de 120,5%, atingindo o valor de US\$ 521 milhões, valor recorde para o período, enquanto que as importações, nesse mesmo período, apresentaram aumento de 16,4%.

Diante desses valores, o saldo da balança comercial cearenses foi de US\$ 58 milhões negativo, valor menor ao comparado ao primeiro trimestre de 2016 (US\$ -262). Já a corrente de comércio chegou ao valor de US\$ 1.106 milhões, valor também recorde (Gráfico 6.1).

Gráfico 6.1: Balança Comercial Cearense (US\$ milhão – FOB) – 1º tri. 2016-2017



Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

No cenário nacional o valor das exportações brasileiras no primeiro trimestre de 2017 foi de US\$ 50,4 bilhões e as importações somaram US\$ 36,1 bilhões, apresentando crescimento de 24,3% e 12,0%, respectivamente, quando comparado com o mesmo período de 2016. O saldo do primeiro trimestre de 2017 foi de US\$ 14,4 bilhões, superior ao atingido no mesmo período de 2016, quando foi de US\$ 8,4 bilhões.

No *ranking* nacional o Estado de São Paulo lidera as exportações, com participação de 22,09%. O Ceará permanece na 14ª colocação, com participação de 1,04%, percentual superior ao verificado em 2016, quando era de apenas 0,59%. Pelo lado das importações, São Paulo também lidera, respondendo por 35,5% das compras externas brasileiras. O Ceará passou de 15º, em 2016, para o 13º lugar no *ranking*, com 1,61% das importações nacionais.

Exportações

As exportações de produtos metalúrgicos se confirmam como principal na pauta cearense, participando com 54,2% do valor total exportado pelo estado. Vale ressaltar que esse grupo é

inflenciado pelas exportações de *Outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado, de seção transversal retangular*, que participa com 97,8% do total do grupo.

As exportações de calçados e partes aparece em segundo lugar, com valor de US\$ 74,3 milhões, registrando crescimento de 11,3%, comparado com o primeiro trimestre de 2016. Também apresentaram aumento no valor exportado castanha de caju (1,18%), preparações alimentícias (39,5%) e ceras vegetais (3,14%).

Já couros e peles, terceiro no *ranking* cearense, foi exportado o valor de US\$ 35,1 milhões, registrando queda de 12,3%, comparado ao mesmo período de 2016. Também registraram queda no valor exportado máquinas e equipamentos (-22,0%), produtos têxteis (-41,3%) (Tabela 6.1).

É importante ressaltar que as exportações de frutas (exceto castanha de caju) sofreram uma grande redução (-86,8%), em virtude da queda das exportações de melão, que nesse primeiro trimestre de 2017 foi de apenas US\$ 180 mil, enquanto que no primeiro trimestre de 2016 o valor foi de US\$ 15,6 milhões.

Tabela 6.1: Principais produtos exportados – 1º trimestre – 2016-2017 (US\$ FOB)

Principais capítulos/produtos	1º trim. 2016		1º trim. 2017		Var (%) 2017/2016
	Valor (US\$)	Part. %	Valor (US\$)	Part. %	
Produtos metalúrgicos	4.103.103	1,73	284.462.510	54,25	6.832,86
Calçados e suas partes	66.795.864	28,09	74.338.836	14,18	11,29
Couros e peles	39.995.428	16,82	35.067.613	6,69	-12,32
Combustíveis minerais e outros derivados	0	0,00	25.086.902	4,78	-
Castanha de caju	24.658.483	10,37	24.949.719	4,76	1,18
Preparações alimentícias	14.380.340	6,05	20.058.005	3,83	39,48
Ceras vegetais	14.954.047	6,29	15.424.127	2,94	3,14
Máquinas e equipamentos	11.079.890	4,66	8.642.907	1,65	-21,99
Produtos têxteis	12.887.275	5,42	7.558.305	1,44	-41,35
Consumo de bordo	3.083.392	1,30	4.699.623	0,90	52,42
Demais produtos	45.862.120	19,29	24.081.804	4,59	-47,49
Ceará	237.799.942	100,00	524.370.351	100,00	120,51

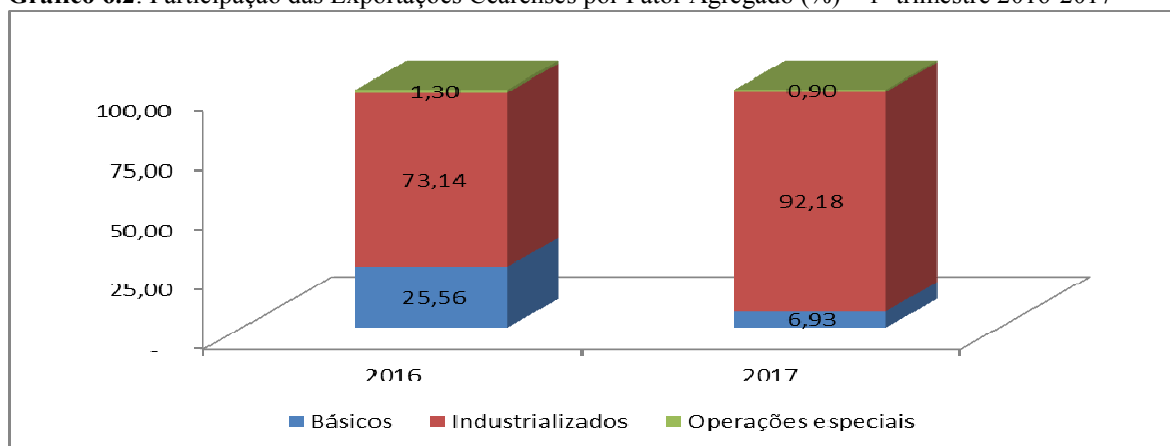
Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

Fator Agregado

Quando analisado pela óptica de fator agregado, observou-se que as exportações de produtos industrializados aumentaram 177,9%; em contrapartida, as exportações de produtos básicos caíram 40,2%. O aumento das exportações de produtos industrializados foi influenciado pelo aumento de vendas de *outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado, de seção transversal retangular*, enquanto que a queda dos produtos básicos deve-se principalmente pela redução de frutas e couros e peles.

Com isso, a participação das exportações de produtos industrializados no primeiro trimestre de 2017 foi de 92,18%, superior ao observado no mesmo período de 2016. Já a participação dos produtos básicos teve redução em relação ao período anterior, ficando em torno de 6,93%, decorrente, principalmente, do aumento das exportações de produtos industrializados, e de uma forte redução nas exportações de frutas e couros e peles, como mencionado anteriormente (Gráfico 6.2).

Gráfico 6.2: Participação das Exportações Cearenses por Fator Agregado (%) – 1º trimestre 2016-2017



Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

Destinos

Com relação aos principais destinos das exportações cearenses, observou-se que houve crescimento no primeiro trimestre de 2017, com relação ao primeiro trimestre de 2016, nos nove principais destinos. Os Estados Unidos permanece como principal comprador das mercadorias cearenses, com participação de 22,06%. No primeiro trimestre de 2017, o crescimento do valor exportado para os Estados Unidos foi de 98,28%, comparado ao mesmo período do ano anterior. Os principais produtos exportados para esse país foram: *outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado, de seção transversal retangular; sucos de outras frutas, não fermentado, sem adição de açúcar; calçados e partes*.

O México aparece em segundo lugar dos principais destinos das exportações cearenses, com 11,13% de participação. O valor exportado para esse país foi de US\$ 58,4 milhões. A Turquia foi o terceiro principal destino, com 10,38% de participação. Para esses dois países os principais produtos exportados foram *outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado, de seção transversal retangular; e castanha de caju*.

O Ceará também exportou valores expressivos para a Itália (US\$ 48 milhões), Coreia do Sul (US\$ 29,3 milhões) e Argentina (US\$ 27,2 milhões). Para esses países foram vendidos principalmente: *outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado, de seção*

transversal retangular, que contenham, em peso, menos de 0,25 % de carbono; calçados e partes; e couros e peles.

Além do México e Turquia, verificou-se também aumento do valor exportado pelo Ceará para alguns países que até o primeiro trimestre de 2016 apresentavam pequenas participações, como Tailândia, para onde se destinou principalmente *outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado, de seção transversal retangular* e Índia, para onde foi vendido principalmente *gás natural liquefeito*.

Tabela 6.2: Principais Destinos das Exportações (US\$ FOB) – 1º Trimestre de 2016-2017

Principais países	1º trim. 2016		1º trim. 2017		Var (%) 2017/2016
	Valor (US\$)	Part. %	Valor (US\$)	Part. %	
Estados Unidos	58.347.672	24,54	115.690.705	22,06	98,28
México	5.903.602	2,48	58.365.658	11,13	888,64
Turquia	464.088	0,20	54.433.631	10,38	11.629,16
Itália	9.024.858	3,80	48.055.589	9,16	432,48
Coreia do Sul	401.759	0,17	29.278.390	5,58	7.187,55
Argentina	18.804.675	7,91	27.214.335	5,19	44,72
Tailândia	919.118	0,39	22.640.691	4,32	2.363,31
Índia	1.468.367	0,62	21.679.745	4,13	1.376,45
Hungria	16.461.506	6,92	16.713.353	3,19	1,53
Alemanha	16.232.966	6,83	12.320.568	2,35	-24,10
Demais países	109.771.331	46,16	117.977.686	22,50	7,48
Total	237.799.942	100,00	524.370.351	100,00	120,51

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

Importações

As importações cearenses no primeiro trimestre de 2017 concentrou-se na compra de produtos de combustíveis minerais e outros derivados, com participação de 43%. Dentro desse grupo, destaca-se a importação de *hulha betuminosa*, que representou 67,4% do total do grupo. Máquinas e equipamentos foi o segundo segmento de maior valor importado no trimestre, com valor de US\$ 73,1 milhões. Porém, observou-se queda de 18,4% das importações de máquinas e equipamentos, comparado ao primeiro trimestre de 2016.

As importações de produtos têxteis tiveram um aumento na participação de 5,46% para 8,18% neste primeiro trimestre de 2017 causado pelo forte aumento no valor importado, que cresceu 74,3% no mesmo período. Cabe destacar, também, o crescimento das importações de produtos químicos (12,1%), produtos metalúrgicos (16,6%) e plástico e suas obras (10,53%).

A importação de milho em grão foi de US\$ 11,7 milhões, representando um aumento de 201,9%, comparado ao mesmo período do ano passado. Esse crescimento deve-se ao acordo feito pela Associação Cearense de Avicultura (Aceav), que decidiu importar o grão, visto que

o preço para comprar do mercado externo está mais baixo. O produto vem sendo distribuído entre as granjas instaladas no Ceará.

Tabela 6.3: Principais Produtos Importados (US\$ FOB) – 1º Trimestre 2016-2017

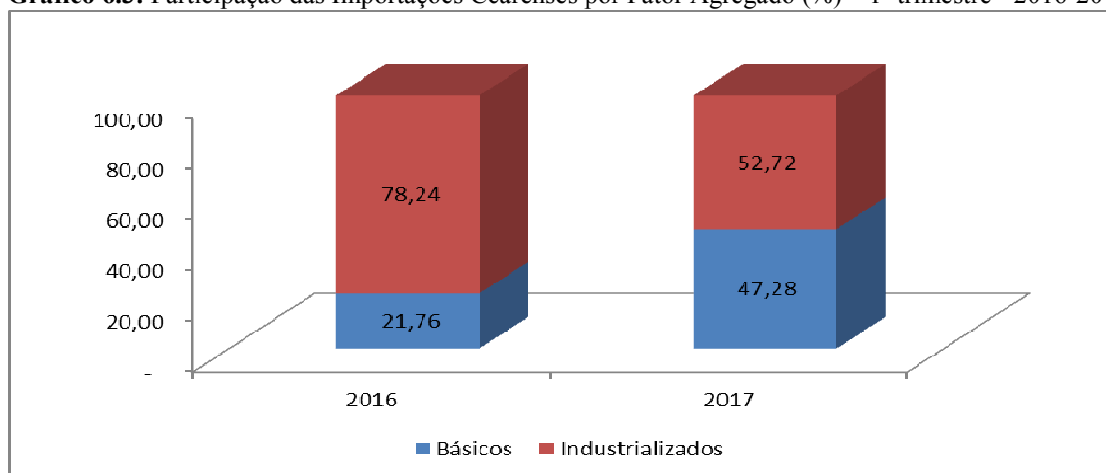
Principais capítulos/produtos	1º trim. 2016		1º trim. 2017		Var (%) 2017/2016
	Valor (US\$)	Part. %	Valor (US\$)	Part. %	
Combustíveis minerais e outros derivados	197.741.062	39,54	250.342.725	43,01	26,60
Máquinas e equipamentos	89.526.561	17,90	73.056.148	12,55	-18,40
Produtos têxteis	27.297.704	5,46	47.585.651	8,18	74,32
Trigos e mistura de trigo	39.702.239	7,94	43.082.672	7,40	8,51
Produtos químicos	37.956.183	7,59	42.551.477	7,31	12,11
Produtos metalúrgicos	29.537.397	5,91	34.443.045	5,92	16,61
Plásticos e suas obras	12.273.358	2,45	13.571.272	2,33	10,58
Milho em grão, exceto para semeadura	3.889.658	0,78	11.744.511	2,02	201,94
Óleos de dendê	12.075.056	2,41	11.203.439	1,92	-7,22
Instrumentos e aparelhos de óptica	3.372.280	0,67	5.794.722	1,00	71,83
Demais produtos	46.670.560	9,33	48.680.080	8,36	4,31
Ceará	500.042.058	100,00	582.055.742	100,00	16,40

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

Fator Agregado

Com relação à importação por fator agregado observou-se que no período analisado a pauta importadora do estado é composta, principalmente, por produtos industrializados, embora a participação desses tenha registrado redução no primeiro trimestre de 2017, em relação ao mesmo período de 2016. Em contrapartida, os produtos básicos tiveram uma elevação na participação das importações cearenses, passando de 21,76% no primeiro trimestre de 2016, para 47,28% em 2017 (Gráfico 6.3).

A redução na participação dos produtos industrializados, deve-se, principalmente, a queda dos valores importados de máquinas, equipamentos, aparelhos e material elétrico. Já o aumento na participação dos produtos básicos deve-se ao aumento das importações de trigo e milho em grão.

Gráfico 6.3: Participação das Importações Cearenses por Fator Agregado (%) – 1º trimestre - 2016-2017

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

Origens

A China foi o país de onde o Ceará mais importou no primeiro trimestre de 2017, correspondendo ao valor de US\$ 93,5 milhões, principalmente *produtos laminados planos, de ferro ou aço não ligado, de largura igual ou superior a 600 mm e outro fio-máquina de outras ligas de aço*.

As importações oriundas da Colômbia (154%), Estados Unidos (109%), Austrália (437%) e Canadá (1.311%) aumentaram bastante no primeiro trimestre de 2017, comparado ao primeiro trimestre do ano passado. O principal produto importado desses quatro países foi *hulha de betuminosa e outras hulhas*. Dos Estados Unidos também foi importado um valor significativo *tipos de algodão não cardado nem penteado*. Da Austrália o Ceará também comprou *Produtos químicos* e do Canadá foi adquirido também *Trigo*.

Tabela 6.4: Principais Origens dos Produtos Importados (US\$ FOB) - 1º Trimestre -2016-2017

Principais países	1º trim 2016		1º trim 2017		Var (%) 2017/2016
	Valor (US\$)	Part %	Valor (US\$)	Part %	
China	91.708.404	18,34	93.524.526	16,07	1,98
Colombia	32.677.537	6,53	83.044.771	14,27	154,13
Estados Unidos	39.112.190	7,82	81.730.809	14,04	108,97
Austrália	12.895.561	2,58	69.278.962	11,90	437,23
Nigéria	35.348.432	7,07	57.281.397	9,84	62,05
Argentina	29.300.765	5,86	50.625.483	8,70	72,78
Alemanha	22.156.467	4,43	20.438.104	3,51	-7,76
Canadá	1.283.129	0,26	18.106.129	3,11	1.311,09
Indonésia	16.820.051	3,36	15.980.670	2,75	-4,99
Índia	10.291.071	2,06	13.155.652	2,26	27,84
Demais países	208.448.451	41,69	78.889.239	13,55	-62,15
Total	500.042.058	100,00	582.055.742	100,00	16,40

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

Destaca-se que as mudanças ocorridas na dinâmica dos comércio exterior cearense deve-se a movimentação das exportações e importações da Companhia Siderúrgica do Pecem (CSP). De fato, os mercados internacionais que ampliaram suas compras com o Ceará foram na sua maioria adquirindo *outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado, de seção transversal retangular*, tendo este produto passando a responder por mais de 50% do valor exportado pelo Ceará. Pelo lado das importações, a dinâmica também ficou por conta da CSP, que começou a importar maior quantidade de *hulha betuminosa e máquinas e equipamento*. Ressalta-se que outros setores, como calçados alimentos, vêm apresentando bom desempenho do comercio exterior cearense em 2017, com crescimento das exportações, não obstante o o período recessivo.

7 FINANÇAS PÚBLICAS

As contas públicas cearenses, no início de 2017, continuam a refletir o delicado momento pelo qual passa a economia nacional. Como pode ser visto na Tabela 7.1, as “Receitas Correntes” do Estado caíram 0,5% no primeiro trimestre de 2017, quando comparada a idêntico período do ano anterior. Apesar desse desempenho, as duas principais fontes de recursos do Governo Estadual, “Receitas Tributárias” e “Transferências Correntes”, apresentaram, respectivamente, crescimento de 0,3% e 5,3%.

Tabela 7.1: Receitas do Governo Estadual no Primeiro trimestre de 2016 e 2017 – (R\$1.000,00 de 1º trim. 2017)

Descrição	1º Trimestre				
	2016		2017		Var (%)
	R\$	%	R\$	%	
Receitas correntes	5.417.884	89,9	5.392.244	93,4	-0,5
Receita tributária	3.011.036	50,0	3.018.673	52,3	0,3
Transferências correntes	1.923.627	31,9	2.025.510	35,1	5,3
Outras receitas correntes	483.220	8,0	348.062	6,0	-28,0
Receitas de capital	389.773	6,5	135.507	2,3	-65,2
Operações de crédito	285.339	4,7	88.169	1,5	-69,1
Outras receitas de capital	104.435	1,7	47.338	0,8	-54,7
Receitas intraorçamentárias	218.372	3,6	244.375	4,2	11,9
Total geral	6.026.030	100,0	5.772.127	100,0	-4,2
Receita corrente líquida	4.426.801	73,5	4.429.251	76,7	0,1

Fonte: S2GPR/SEFAZ. Elaboração: IPECE.

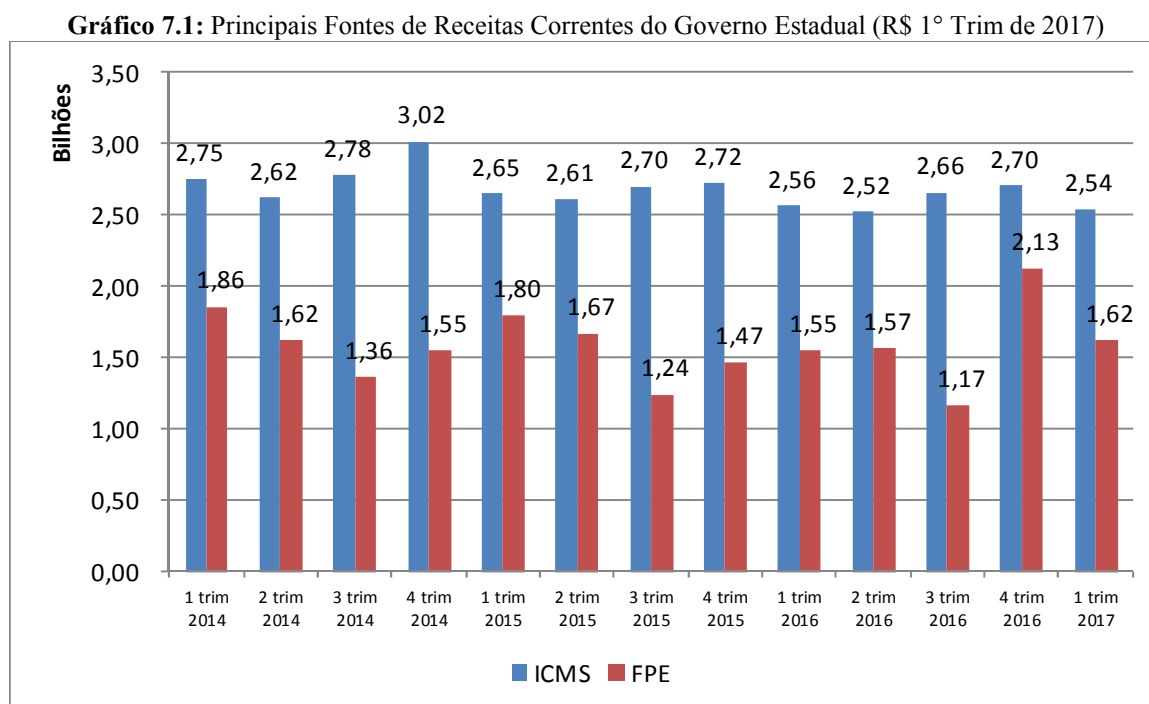
Obs.: Corrigido pela média do IPCA do primeiro trimestre.

Nesse sentido, a redução das receitas estaduais é decorrente do comportamento das “Outras Receitas Correntes”, cujo decréscimo foi de 28% entre os três primeiros meses de 2016 e 2017. Essa queda é um reflexo da redução das receitas oriundas dos depósitos judiciais que, no primeiro trimestre de 2016, foram superiores a R\$ 151 milhões e, no primeiro trimestre de 2017 foram de, apenas, R\$ 9,2 milhões.

Quanto as “Receitas de Capital” observa-se que elas caíram 65,2%, entre os dois períodos em análise. Esse comportamento deve-se a redução de 69,1% nas “Operações de Crédito” do Estado, isto é, a contratação de empréstimos pelo Governo do Estado.

Um último ponto a ser destacado, quanto ao comportamento das receitas, é o crescimento de 0,1% das “Receitas Correntes Líquidas” entre o início de 2016 e 2017. É importante observar o comportamento desse indicador, pois se considera essa receita para o cálculo dos limites de gastos com pessoal estabelecidos pela Lei de Responsabilidade Fiscal.

Entre as principais receitas do Governo cearense estão às receitas de ICMS (Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços) e os repasses do FPE (Fundo de Participação dos Estados), cujos valores e comportamento dos repasses são apresentados no Gráfico 7.1. Como pode ser observado as receitas de ICMS, no primeiro trimestre de 2016, caíram tanto quando se compara com idêntico período do ano anterior como com o trimestre imediatamente anterior, sendo os percentuais de 0,93% e 6,0%, respectivamente.



Fonte: S2GPR/SEFAZ. Elaboração: IPECE.

Com relação ao FPE, o primeiro trimestre de 2017 apresentou um crescimento de 4,7%, relativamente ao primeiro trimestre de 2016, sendo a primeira vez, desde 2015, que se registra crescimento dessa transferência no primeiro trimestre do ano.

Observando-se o comportamento das despesas do Governo Estadual é possível constatar, na Tabela 7.2, que as despesas correntes cresceram 2,2%, quando se compara o primeiro trimestre de 2017 com o de 2016. Esse aumento deve-se ao incremento dos “Outros Gastos Correntes” de 7,9% no período em análise. Já as despesas com “Pessoal e Encargos Sociais” decresceram 1,6% entre os dois períodos e o pagamento de “juros e encargos da dívida” retraíram 6,1%.

Por sua vez, as “Despesas de Capital” tiveram um decréscimo, entre os dois períodos em análise, de 6,7%, apesar do aumento de 11,3% nos “Investimentos” estaduais. Nesse sentido a redução das “Despesas de Capital” foi uma consequência da redução de 71,5% nas “Inversões Financeiras” entre os períodos em análise.

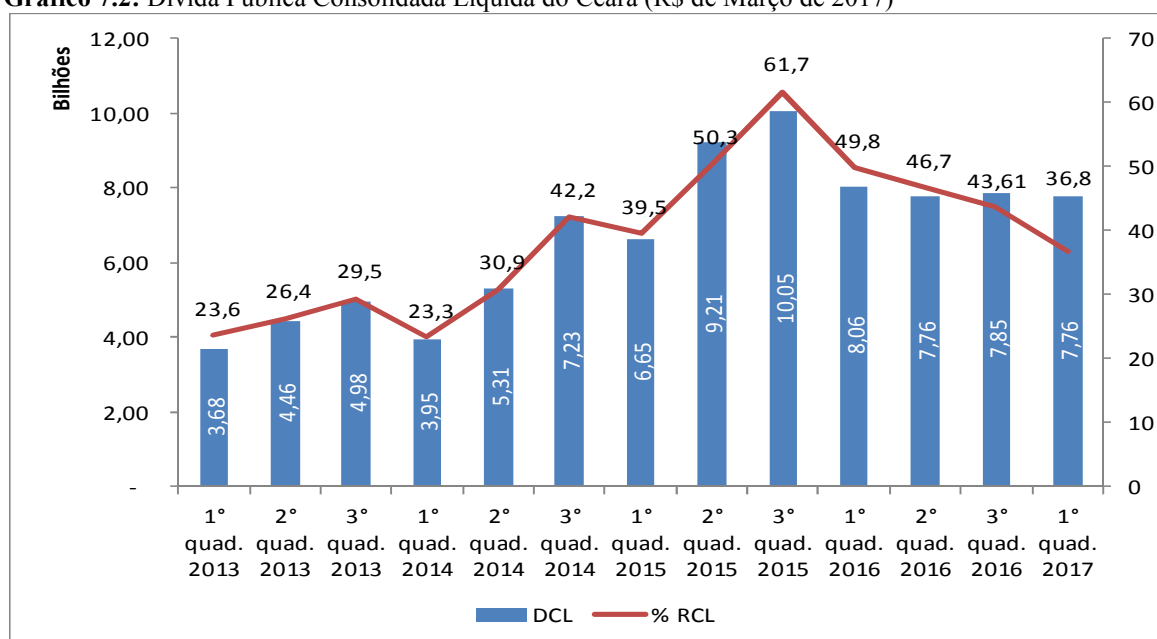
Tabela 7.2: Despesas do Governo Estadual no Primeiro trimestre de 2016 e 2017 – (R\$1.000,00 de 1º trim. 2017)

Descrição	1º Trimestre				Var (%)
	2015		2016		
	R\$	%	R\$	%	
Despesas correntes	4.415.854	89,3	4.514.045	90,1	2,2
Pessoal e encargos sociais	2.474.254	50,0	2.435.477	48,6	-1,6
Juros e encargos da dívida	122.222	2,5	114.809	2,3	-6,1
Outras despesas correntes	1.819.379	36,8	1.963.759	39,2	7,9
Despesas de capital	529.263	10,7	493.842	9,9	-6,7
Investimentos	262.963	5,3	292.572	5,8	11,3
Amortizações	226.737	4,6	190.012	3,8	-16,2
Inversões financeiras	39.563	0,8	11.258	0,2	-71,5
Reserva de contingência	-	-	-	-	-
Total geral	4.945.117	100,0	5.007.887	100,0	1,3

Fonte: S2GPR/SEFAZ. Elaboração: IPECE.

Obs.: Corrigido pela média do IPCA do primeiro trimestre.

Por fim, um último indicador analisado nesse documento é o comportamento da “Dívida Pública Consolidada Líquida” do Ceará, cujos dados são apresentados no Gráfico 7.2. Nesse gráfico é possível constatar que a dívida pública estadual apresentou tendência de crescimento do primeiro quadrimestre de 2013 ao terceiro quadrimestre de 2015; já nos quatro últimos quadrimestres houve uma queda da dívida líquida do Estado de, aproximadamente, de 2,3 bilhões de Reais. Dessa forma, a dívida pública consolidada líquida representava 36,8% da Receita corrente líquida, no primeiro quadrimestre de 2017.

Gráfico 7.2: Dívida Pública Consolidada Líquida do Ceará (R\$ de Março de 2017)

Fonte: STN/SISTN. Elaboração: IPECE.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crescimento da economia mundial para o ano de 2017 apresenta uma estimativa de 3,5%, conforme dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), na publicação do *World Economic Outlook Update* de abril de 2017. Essa estimativa vem sendo influenciada pelo desempenho das economias desenvolvidas, a destacar Estados Unidos, Alemanha e Espanha, e pelos países emergentes, como a Índia e China.

Na economia nacional, neste primeiro trimestre de 2017, o PIB cresceu 1,0% com relação ao último trimestre de 2016. Do ponto de vista puramente técnico, esse crescimento representa a saída da economia brasileira do ambiente recessivo no qual se encontrava após oito trimestres de quedas consecutivas da atividade econômica.

Já o PIB do Ceará cresceu 1,87% utilizando o mesmo período de análise (primeiro trimestre de 2017 em relação ao quarto trimestre de 2016), sendo o primeiro trimestre positivo nessa comparação desde o quarto trimestre de 2014. Em termos setoriais, a Agropecuária teve expansão de 10,59%, a Indústria cresceu 1,81% e o setor de Serviços cresceu 1,78%.

Esse desempenho do setor agropecuário revela que o ano de 2017 começou com boas previsões de chuvas, gerando expectativa de crescimento. Conforme dados da FUNCEME, o primeiro trimestre de 2017 apresentou uma quantidade de chuva em torno da média normal do estado. Não obstante o volume de chuvas ocorrido no Ceará tenha ficado acima da média, a quantidade de água não foi suficiente para os reservatórios cearenses adquirirem grandes aportes de água.

Nas estimativas realizadas pela LSPA/IBGE para a produção de grãos do Ceará os resultados indicam crescimento de produção no ano de 2017, comparada a produção obtida em 2016. Destaque para o aumento da produção das culturas de milho e feijão, que apontam variação de 141,67% e 83,30%, respectivamente. A produção de arroz indica crescimento de 183,43%, comparada a quantidade obtida em 2016.

A produção de frutas, por sua vez, também indica em 2017 bons resultados para quase todas as culturas, dentre as quais pode-se destacar o melão (21,72%) e a melancia (26,86%), que apontam para a retomada do crescimento da produção. Também há boas perspectivas para o aumento da produção de goiaba (16,74%), laranja (25,58%), mamão (22,33%) e maracujá (18,66%). Já a produção de abacaxi (-77,34%) e coco-da-baía (-13,62%) indicam queda.

Pelo lado da produção animal, destaca-se a produção de ovos que mantém um ritmo de crescimento elevado, tendo em 2017 estimativa de aumento de 5,62%. A produção de leite, por sua vez, indica crescimento de 1,17%, comparado ao ano de 2016. Destaca-se que esta atividade vem crescendo no Ceará, diante das novas técnicas de produção utilizadas, e,

consequentemente, expansão da produção. O Ceará, atualmente, é o terceiro maior produtor de leite da Região Nordeste.

No segmento industrial, o ano de 2017 se inicia da mesma forma que terminou 2016, com a indústria repetindo resultados negativos na avaliação trimestral, mas com taxas continuamente decrescentes, indicando um quadro melhor do que o experimentado na passagem de 2015 para 2016. Os sinais da desejada retomada do crescimento, entretanto, continuam ambíguos quando se analisa os indicadores para a quantidade produzida.

O movimento da indústria ao apresentar ainda taxas negativas, mas cada vez menores, aliado ao fato de determinadas e importantes atividades já apresentarem um processo de expansão continuada, parece indicar que o retorno a um quadro de crescimento estar próximo. Em contraponto, ao mesmo tempo em que um conjunto ainda expressivo de atividades não apresenta o movimento de recuperação desejado, os indicadores marginais de desempenho continuam oscilando entre expansões e retrações a cada mês, não permitindo assegurar que o movimento de recuperação se instale e se consolide na indústria local.

De todo modo, esse quadro de melhora aparente que pode ser observado, apesar das incertezas ainda presentes, está associado a um conjunto de fatores que favorecem uma retomada gradual da confiança e a formação favorável das expectativas por parte dos agentes. Dentre estes, uma recuperação cíclica da atividade, o posicionamento do câmbio em patamares mais favoráveis ao setor, a redução da inflação e da taxa de juros e a melhora do ambiente econômico e político ao nível nacional.

Por fim, para que esse movimento se transforme, de fato, em uma retomada da trajetória de crescimento por parte da indústria cearense, se mantém fundamental a continuidade da melhora do ambiente econômico e político nacionais, o controle do processo inflacionário e a um movimento sustentado de redução da taxa de juros.

No setor de serviços, dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE no primeiro trimestre do ano de 2017 indicam retração de -0,2% da atividade comparado ao mesmo período de 2016. Considerando também a estagnação do primeiro trimestre de 2016 esse resultado se constitui no nono trimestre seguido de queda a partir de uma comparação trimestral com relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Ressalta-se que a queda na produção do setor neste primeiro trimestre do ano de 2017 foi resultante de apenas um grupo, dos cinco que acompanham o comportamento conjuntural do setor de serviços na pesquisa. Mais especificamente, entre os meses de janeiro a março, apenas Serviços Profissionais, Administrativos e Complementares registraram queda de -6,9% em relação aos meses iniciais de 2016.

Neste mesmo primeiro trimestre de 2017 o varejo comum cearense registrou uma queda (-7,0%), mais que duas vezes superior à registrada pelo varejo nacional (-3,0%), considerando o mesmo período do ano anterior. O varejo ampliado cearense e nacional registraram queda de, respectivamente, 3,9% e 2,5% para essa mesma base de comparação.

A queda das atividades nos grandes setores refletem nos resultados do Mercado de Trabalho cearense. De fato, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) revela que a Taxa de Desocupação do Ceará saltou em dois anos (primeiro trimestre de 2015 ao primeiro trimestre de 2017) de 7,9% para 14,3%. Já do 1ºT de 2016 para o 1ºT de 2017 a Taxa de Desemprego local aumentou 2,9 pontos percentuais, ao sair de 10,8% para 14,3%, superior ao 13,7% atingidos pelo Brasil no primeiro trimestre do ano de 2017.

No que tange ao emprego formal, a dinâmica mensal da geração e destruição de postos de trabalho celetistas revela também que o fechamento de vagas de trabalho no Brasil deu-se de modo crescente ao longo do ano de 2016, alcançando a maior marca no último trimestre de 2016, com saldo negativo bastante expressivo de 675.760 vagas. Já no primeiro trimestre de 2017 foi registrado um saldo negativo acumulado de 60.789 vagas, muito inferior ao registrado no primeiro trimestre de 2016 (-303.129 vagas), revelando de certo modo uma redução no comportamento da destruição de empregos com carteira assinada no país.

No estado do Ceará, a maior perda de postos de trabalho também foi observada no primeiro trimestre do ano de 2016 (-17.162 vagas), onde a intensidade dos efeitos recessivos da depressão econômica foram mais expressivos. De fato, no primeiro trimestre de 2017 observa-se uma menor destruição de vagas igual a 11.495 postos. A maior destruição de postos de trabalho ocorreu na atividade de Comércio (-5.449 vagas), seguida por Serviços (-1.903 vagas).

No comércio exterior, o Estado do Ceará, neste primeiro trimestre de 2017, apresentou desempenho superior comparado ao primeiro trimestre de 2016. De fato, enquanto as exportações registraram crescimento de 120,5%, atingindo o valor de US\$ 521 milhões, valor recorde para o período, as importações, nesse mesmo período, apresentaram aumento de 16,4%.

No caso das exportações, os produtos metalúrgicos se confirmam como principal na pauta cearense, participando com 54,2% do valor total exportado pelo estado. Vale ressaltar que esse grupo é influenciado pelas exportações de *Outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado, de seção transversal retangular*, que participa com 97,8% do total do grupo.

Por sua vez, as exportações de calçados e partes aparece em segundo lugar, com valor de US\$ 74,3 milhões, registrando crescimento de 11,3%, comparado com o primeiro trimestre de

2016. Por fim, couros e peles, terceiro no *ranking* cearense, registrou US\$ 35,1 milhões, com queda de 12,3%, comparado ao mesmo período de 2016. Os Estados Unidos permanece como principal comprador das mercadorias cearenses, com participação de 22,06%.

Quanto as importações, no primeiro trimestre de 2017 sua concentração se deu na compra de produtos de combustíveis minerais e outros derivados, com participação de 43%. Dentro desse grupo, destaca-se a importação de *hulha betuminosa*, que representou 67,4% do total do grupo. A China foi o país de onde o Ceará mais importou no primeiro trimestre de 2017, correspondendo ao valor de US\$ 93,5 milhões.

As importações oriundas da Colômbia (154%), Estados Unidos (109%), Austrália (437%) e Canadá (1.311%) aumentaram bastante no primeiro trimestre de 2017, comparado ao primeiro trimestre do ano passado. O principal produto importado desses quatro países foi *hulha de betuminosa e outras hulhas*.

É importante destacar que as mudanças ocorridas na dinâmica dos comércio exterior cearense deve-se a movimentação das exportações e importações da Companhia Siderúrgica do Pecem (CSP). De fato, os mercados internacionais que ampliaram suas compras com o Ceará foram na sua maioria adquirindo *outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado, de seção transversal retangular*, tendo este produto passando a responder por mais de 50% do valor exportado pelo Ceará. Pelo lado das importações, a dinâmica também ficou por conta da CSP, que começou a importar maior quantidade de *hulha betuminosa e máquinas e equipamento*.

Finalmente, no que concerne as Finanças Públicas estaduais, observa-se que as “Receitas Correntes” do Estado caíram 0,5% no primeiro trimestre de 2017, quando comparada a idêntico período do ano anterior. Apesar desse desempenho, as duas principais fontes de recursos do Governo Estadual, “Receitas Tributárias” e “Transferências Correntes”, apresentaram, respectivamente, crescimento de 0,3% e 5,3%. Quanto as “Receitas de Capital”, observa-se que elas caíram 65,2%, entre os dois períodos em análise.

Já as despesas correntes cresceram 2,2%, quando se compara o primeiro trimestre de 2017 com o de 2016. Esse aumento deve-se ao incremento dos “Outros Gastos Correntes” de 7,9% no período em análise. Por sua vez, as “Despesas de Capital” tiveram um decréscimo, entre os dois períodos em análise, de 6,7%, apesar do aumento de 11,3% nos “Investimentos” estaduais.